

Trimestral  
Genebra  
Suíça  
Ano VII  
Março  
2007  
Bilingue

# Pessoas

n°25

encontros culturais

Distribuição gratuita

Análises

Comentários

Contos

Crónicas

Entrevistas

Eventos

Galeria

Opiniões

Poesia

Roteiros

*Pedro Barrosa*  
*cantor de emoções*



*último dos trovadores*



Av. de Montchoisi, 15 – 1006 Lausanne  
Tél. + 41 21 614 00 14 • Fax: +41 21 614 00 15  
Câmbio + 41 21 614 00 16 • WWW.BES.PT  
E-mail: emigr@bes.ch  
BESDIRECTO: 00 8000 247 36 50



**BANCO  
ESPIRITO  
SANTO**

Quem  
sabe, sabe  
e o João  
é que sabe

**“Eu sei que  
mesmo estando  
fora, tenho um  
braço direito  
em Portugal”**

O João sabe o que é ter um braço direito. Sabe que tem um banco com soluções de poupança adequadas a quem vive fora, pois quer sejam produtos com capital garantido, taxa fixa ou taxa variável – de curto, médio ou longo prazo, o BES tem sempre uma boa opção. Sabe que tem as melhores soluções de crédito. Sabe ainda que pode ter um Gestor BES, que se dedica única e exclusivamente à sua vida financeira. Enfim, sabe que ter um braço direito em Portugal, sabe muito bem.

**BES Residentes no Estrangeiro O braço direito de quem vive lá fora**

# Pessoas

## ficha técnica

**Propriedade**  
L.C.

**Director**  
António Pinheiro

**Edição**  
A.P.I.C.

**Chefe de Redacção**  
Luz Neto

**Redactores permanentes**  
António Louçã  
Benjamin Ferreira  
Catarina Reis  
Mafalda Oleiro  
Paulo Morgado  
P. Bártole  
Rosa Adanjo

**Colaboraram neste número**  
Casimiro Oliveira  
Gabriela Silva  
Giuseppe Patanè  
Luís Florêncio  
Luísa Costa  
Lurdes Trindade  
Manuel Bernardo  
Miguel Neves Passarinho  
Rose-Mary Magnin

**Grafismo e Paginação**  
Eduardo Pinho

**Fotografia**  
António Pinheiro  
Mário Pereira  
Octávio Xisto

**Publicidade**  
Gabriel Bettencourt

Pessoas magazine  
CP 1877  
1211 Genève 1

Bd. James Fazy 18  
1201 Genève Suisse  
Tel +41 22 738 85 25  
Fax +41 22 738 88 37  
pessoasmagazine@bluewin.ch

**Periodicidade trimestral**  
Assinatura  
20 frs / ano – Suíça  
40 frs / ano – Europa  
Tiragem deste número  
5.000 exemplares

**Distribuição gratuita**

Leia a **Pessoas** na internet  
[www.espacoportugues.ch](http://www.espacoportugues.ch)  
[www.livraria-camoes.ch](http://www.livraria-camoes.ch)

## sumário

- 4-5----- Editorial  
6 ----- Europa +  
7 ----- Reabilitação de Salazar  
8 ----- Galeria – Roger Pires  
10 ----- Notas Soltas  
12 ----- Miguel Torga  
14 ----- Le Sacré – Cœur de la Butte  
18 ----- O País feito num oito  
21 ----- Observatório de Genebra  
22 ----- Recordar é viver  
23 ----- Entrevista, Pedro Barroso  
36 ----- Saudades do tempo de Salazar  
38 ----- Um amor votado ao Douro  
42 ----- Roteiros – Einsiedeln  
45 ----- Brigada Ligeira  
46 ----- Endereços úteis



# Pessoas

Distribuida na Suíça por



# LEDOSA

JOSÉ ANTÓNIO LEDO

Distribuidor, em toda a Suíça, da imprensa portuguesa e espanhola

Rue des Gares • 1201 Genève • Tel: 022 740 42 20 • 022 740 20 73 • Fax: 022 740 42 22

Tard et à mauvaise heure, comme on dit, les Statuts de l'élève, que le Ministère de l'éducation a donné à connaître, depuis l'essaim des lois contradictoires et des mesures caricaturales, ne font que rabaisser l'enseignement et réduisent les professeurs à un rôle de bouc émissaire.

Madame le ministre de l'Éducation sait que l'école est la richesse d'une nation! Or, en effet, dans n'importe quelle société, les professeurs ont besoin d'être des personnes épanouies, en paix avec la vie et le travail. A eux nous confions la génération du futur, n'est-ce pas? Trouvez la stabilité et finissez-en une fois pour toute avec le si grand nombre d'agressions auxquelles les écoles sont en butte.

Et une fois de plus, nous alimentons des polémiques qui ne nous conduisent nulle part, sur le grade de licenciature de Socrates.

Pourquoi ne pas extirper le mal à sa racine? La facilité de création des établissements de l'enseignement supérieur de renom, qui conduit à d'authentiques fabriques de production de diplômes en série, sans que le marché du travail et la société en général ne sachent avec précision la fin à laquelle cela se destine.

Dans un pays obsédé par les révérences et les titres, l'important est d'avoir «*um canudo*», qu'il soit sur le bourdonnement de l'abeille ou le glapisement du singe, pour exiger immédiatement une carte de crédit (ou de débit?) avec le «D» qui le différencie du vulgaire citoyen.

Nous usons et abusons des «*canudos*», béquilles de beaucoup qui n'arrivent pas à s'imposer socialement et dans le travail, par capacité, responsabilité et efficience. Titres obtenus sans savoir par quels moyens.

Mais en politique, le cas de figure change. Nous élisons des politiciens, nous n'élisons pas des ingénieurs, balayeurs, vétérinaires ou pâtisseries. Ce ne sont pas les «*canudos*» qui font les bons politiciens, pas plus qu'un bon politicien ne doit nécessairement être un bon médecin ou un bon carreleur.

Ce pays est bien controversé. Nous nous enorgueillissons de métissage, de pluralité raciale, de diaspora dynamique, entreprenant même des «nouveaux mondes que nous avons donnés au monde» et nous n'avons pas encore appris à relativiser les préjugés, par convivialité raciale, dans ce petit bout de terre. Avec les affiches xénophobes du PNR et «Salazar» ressuscités, nous adhérons pleinement à l'idée «do Gato Fedorento». «La meilleure manière d'embêter les étrangers est de les obliger à vivre au Portugal... Avec les Portugais nous n'irons pas là».

Bon temps printanier pour nos lecteurs.

*Ler a Pessoas é saber mais!*

**NUNO CARVALHO**  
**ADVOGADO**

**Todos os Assuntos Jurídicos em Portugal – Apoio ao Emigrante**

Hotel Grenil • Av de Sainte Clotilde 7 • Genève

Telf: 00351 252 323 238 • Fax: 00351 252 312 835 • Email: ncarvalho@iol.pt



**T**arde e a más horas, como soe dizer-se, esta aí o Estatuto do Aluno que o Ministério da Educação deu a conhecer depois do enxame de leis contraditórias e de medidas caricatas que só desvirtuam o Ensino e colocam os professores no papel de bodes expiatórios.

Senhora Ministra da Educação sabe que a escola é a riqueza de uma nação! Logo, se o é, de facto, os professores precisam de ser as pessoas mais realizadas, em qualquer sociedade, em paz com a vida e com o trabalho. A eles confiamos a geração do futuro, não é assim? Haja estabilidade e acabe, de vez, com o número assustador de agressões de que são alvo, nas escolas.

**E**, mais uma vez, lá andamos nós, alimentando a polémicas, que não levam a lado nenhum, sobre a licenciatura de Sócrates.

Porque não se extirpa a raiz do problema? O facilitismo na criação de estabelecimentos de ensino superior, a vulto, que passam, de imediato a autênticas fábricas de produção de diplomas, em série, sem que o mercado de trabalho e a sociedade em geral saibam, com precisão, o fim a que se destinam.

**N**um país obcecado por reverências e títulos, o importante é ter um “canudo”, seja ele sobre o zumbir da abelha ou o guincho do macaco, para, de imediato, exigirem no cartão de crédito (ou de débito?) o “Dr.” que os diferencie do vulgar cidadão.

Usa-se e abusa-se dos “canudos”; muletas de muitos que não conseguem impor-se, socialmente e no trabalho, pela idoneidade, responsabilidade e eficiência. Títulos, esses, obtidos sabe-se lá por que meios.

**M**as, em política, o caso muda de figura. Elegemos políticos, não elegemos Engenheiros, Varredores, Veterinários ou Pasteleiros. Não são os “canudos” que fazem um bom político, nem o bom político tem que, necessariamente, ser bom médico ou bom ladrilhador.

**P**aís, bem controverso, este. Orgulhamo-nos da miscigenação, da pluralidade racial, da diáspora dinâmica e empreendedora até dos “novos mundos que demos ao Mundo” e não aprendemos, ainda, a suavizar os preconceitos na convivência racial dentro deste pedaço de chão.

Com cartazes xenófobos do PNR e “Salazares” a serem ressuscitados, comungamos plenamente da ideia do Gato Fedorento: **“A melhor maneira de chatear estrangeiros é obrigá-los a viver em Portugal... Com os portugueses não vamos lá”.**

Bons tempos primaveris para os nossos leitores.

António Pinheiro

PESSOA



Café Littéraire

*simplesmente diferente*



## Europa +

**H**á 50 que a Europa está em construção! Uma casa sempre em obras...e em permanente movimento de crescimento e desenvolvimento.

Ora se o conhecimento da estrutura política de cada país é assunto de estudo nos ensinamentos obrigatório e secundário, o conhecimento das estruturas políticas da Europa, o seu funcionamento e sua articulação com as estruturas políticas de cada um dos seus Estados Membros, é uma tarefa que exige, a cada um de nós, esforço e convicção.

Existem três noções que me parecem ser fundamentais para melhor compreensão do que poderemos chamar “construção europeia”: a Europa é um projecto político, económico e social. Por outras palavras: a Europa é uma construção feita pelos governos de cada Estado Membro com a participação dos seus cidadãos (Europa Política), que pretendem criar uma sociedade mais justa e solidária (Europa Social) tendo em atenção o crescimento e o desenvolvimento da economia do conhecimento (Europa Económica). Estas pretensões devem respeitar a identidade de cada um dos seus povos e serem capazes de manter um movimento contínuo de desenvolvimento, tendo em atenção as 4 liberdades que o art. 3, do Tratado de Roma, enuncia: liberdade de circulação de pessoas, mercadorias, capitais e serviços. Ficou criada, desta forma a CEE, a Comunidade Económica Europeia (CEE).

Mas, tanto a simplicidade da citação quanto a da enumeração de noções e de princípios confronta-se sempre, com a complexidade da implementação de políticas susceptíveis de fazerem, de boas intenções, projectos sólidos e resultados justos. E no que diz respeito a resultados, a subjectividade de análise e a necessidade de serem postas em prática políticas internas capazes de agradarem ao maior número possível de cidadão, sem cada um dos Estados Membros, determinam as escolhas mais imediatas e as modalidades de acção mais

mediáticas. Por vezes, dá a impressão que o destino da Europa joga-se, mais na fugaz hora dos noticiários televisivos do que na profundidade e seriedade de trabalho dos gabinetes ministeriais e dos parlamentos dos Estados Membros!

É pena que assim seja. É pena este desconhecimento que se tem sobre aquilo que o outro é e sobre aquilo que o outro faz. E quando digo “outro” é de alteridade que quero falar: daquele que, sendo diferente de mim pela língua que fala, pela identidade que possui e pela história de vida que vive é, igualmente cidadão de um espaço ao qual eu também pertenço e actor de uma história que vivemos e construímos, conjuntamente, em paz e no respeito dos direitos fundamentais.

A Europa, se mais não fora, seria este vasto território de 27 Estados Membros e um ainda mais vasto projecto de esperança. Mas a Europa que começou a 25 de Março de 1957, na Itália, com a assinatura do Tratado de Roma, é muito mais do que tudo isso: é ainda o Tratado de Maastrich, de 1992, que fundou a União Europeia (EU) e lançou a União Económica e Monetária e é, igualmente, o Tratado de Amsterdam que deu novas perspectivas ao funcionamento institucional europeu. Quanto à Constituição, o Tratado de Roma II que lançava os fundamentos de uma Constituição para a União Europeia morreu quando a França o recusou, em Maio de 2005. Nem sempre a **mais** Europa corresponde uma **EUROPA+**. Talvez, para que exista uma **Europa+** (mais solidária, mais forte, mais coerente, mais justa e mais coesa) vai ser necessário uma velocidade mais lenta no seu alargamento e uma velocidade mais acelerada no seu aprofundamento. Se os 50 anos merecem hoje festejos de cabelos grisalhos para 27 Estados Membros, daqui a meia centena de anos que a celebração do centenário seja feita na euforia de projectos eternamente renovados e mobilizadores de esperanças, na presença de todos os povos europeus.<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Foram 7 os países que fundaram a CEE (Alemanha, França, Itália, Bélgica, Luxemburgo e Países Baixos). Hoje são 27 os países que constituem a UE: Alemanha, Áustria, Bélgica, Bulgária, Chipre, Dinamarca, Eslováquia, Eslovénia, Espanha, Estónia, Finlândia, França, Grécia, Hungria, Irlanda, Itália, Letónia, Lituânia, Luxemburgo, Malta, Países Baixos, Polónia, Portugal, Roménia, Reino Unido, Suécia e República Checa.

## Reabilitação de Salazar

**T**êm-se sucedido nos últimos tempos as iniciativas que só podiam resultar numa banalização da ditadura salazarista e num apagamento das suas culpas e crimes.

Uma dessas iniciativas foi a ideia peregrina de criar em Santa Comba um museu com chinelos e ceroulas do ditador. Uma casa atulhada de objectos pessoais não está concebida como museu e sim como templo para um culto de carácter semi-religioso. Não pretende coligir informação sobre a pessoa de Salazar, nem submetê-la a um exame crítico e distanciado. Pretende, sim, coligir objectos de forma caótica, no limite de uma devassa à vida íntima daquele mesmo que é suposto enaltecer. E pretende rodear esses objectos de um halo de sagrado, próprio talvez para atrair romagens de admiradores necrófilos, mas não para suscitar visitas de um público interessado no conhecimento da História.

A coroar este plano, está o argumento de neo-liberalismo pacóvio, que promete atrair turismo e gerar receitas com o chamado “museu”. Com o mesmo argumento, a cidadezinha austríaca de Linz poderia ter criado um museu de Hitler, e certamente se tornaria a Meca dos neo-nazis de todo o mundo e faria uma fortuna a vender *souvenirs* ou a servir rodadas de cerveja.

A outra iniciativa foi o concurso do “maior por-

tuguês de sempre”. Esse tão-pouco tem alguma coisa a ver, mesmo remotamente, com o conhecimento da História. O entendimento do lugar ocupado por cada figura histórica não se confunde com um campeonato de futebol nem com um concurso de misses. Entenderá esse lugar quem começar por entender o contexto em que a referida figura histórica desenvolveu a sua acção, os interesses que defendeu, os objectivos que perseguiu e aqueles que finalmente alcançou.

A importância de uma figura histórica pode medir-se pela marca que deixou na sociedade e no mundo. Mas daí não se segue que uma marca profunda faça dela automaticamente uma “grande” figura - excepto se se disser que também pode ser “grande” em exercer a opressão, em manter o obscurantismo, em defender o colonialismo.

A comparação entre Cunhal e Salazar é um bom exemplo do nível de indigência deste debate: dizer que eram parecidos porque Cunhal também teria sido um ditador é apenas embarcar na História contrafactual. Pode, quem quiser, defender que Cleópatra, com mais dois milímetros de nariz, teria reinado sobre o Império romano. Não se peça, porém, aos historiadores que discutam esta tese pomposa e estúpida.

## O seu site. A nossa imagem. Os mesmos objectivos.

- Alojamento Web desde 1.95€
- Domínios a partir de 7.90€
- Construimos sites profissionais

**WEBHOSTPT.com**  
MAIS SOLUÇÕES PARA SI!

[www.webhostpt.com](http://www.webhostpt.com)

## Roger Pires

“Canoas”, exposição que deu o mote para conhecer o pintor e escultor Roger Pires.



Nascido em Mirandela (Trás-os-Montes), cedo rumou a Lisboa onde cresceu, estudou e viu despertar os sonhos juvenis.

Inconformado com o ideário, então vigente, desertou do serviço militar e transformou-se num eterno “globetrotter”, assimilando ideias, culturas, hábitos, vivências pelos “quatro cantos do mundo”. *“Gosto de espaços, da liberdade. Sou como os cisnes selvagens...o cisne sempre foi o meu animal identitário”.*

Holanda, Suíça e Portugal fazem o triângulo onde criou amarras e, dentro dele cria, actualmente, as obras que expõe.

O pincel e a espátula, os óleos e as tintas, conjugam, nas telas, cores luminosas e vibrantes. Misturam sensações, formas, texturas e materiais para projectar vivências, sonhos, estados de alma que a vida lhe proporciona.

Na obra de Roger Pires parte-se à descoberta de espaços absolutos de paz e tranquilidade.

*“Não há solidão na minha pintura. Há traços pacificadores. Na vida aplico a filosofia do budismo: tranquilidade sem nostalgia; simplicidade sem simplismo ou ingenuidade”.*

Depois é o **mar**. O **mar** sempre presente, retocado aqui e ali de cores e traços ora profundos ora ténues e frágeis. “Canoas” é uma exposição temática que vem comprovar o constante “chegar e partir” para os exóticos mundos do autor.

*“Quando pinto, dispo-me de preconceitos, de amarras, só sou eu e a minha circunstância. Unicidade, eu e a*



# galeria



*tela. Nunca recupero um trabalho ou aproveito um fundo. Não! Cada envolvimento é única e irrepitível.* Outra vertente deste artista expande-se pelos trabalhos em madeira. A textura do material possibilita-lhe múltiplas formas e incrustações várias.

Continua, persistentemente, a trabalhar na criação de novas tonalidades, conjugando materiais e a expor porque *“é nisso que encontro maior realização... Estou bem comigo próprio!”*.

*“Todas as cores estão eivadas de sensações podemos dizer que são sensoriais...as minhas obras são ideias que provêm de sensações, como Candillac, amo os prazeres dos sentidos. Nos vermelhos materializo a pujança, o delírio, a apoteose; nos laranjas e amarelos a sensualidade, o erotismo; nos azuis espelho a música, as cidades que amo, os portos e os cais de chegada e de partida...”*

Na verdade a obra de Roger Pires cativa de imediato pela pureza e luminosidade. É o “espelho” do próprio artista que, além do mais, ainda tem projectos humanitários: *“a Índia está no meu horizonte. Irei dar lições de pintura, desenho e escultura numa escola para jovens, sem fins lucrativos. Já temos o terreno...”*

Em jeito de auto-retrato pedimos que se definisse como:

Infinito – *Fim*

Flor – *Nhockinha ou Segundo Mês do Ano*

Amor – *Eu*

Vida – *Eu*

Roger Pires, um pintor cuja obra vale a pena apreciar, intuir e amar!

Espace Diamono  
4bis rue des Moraines  
1227 Carouge  
tél./fax 022 300 37 66  
[www.espace-diamono.ch](http://www.espace-diamono.ch)



Roger Pires  
079 245 71 38

Mafalda Oleiro



**T**héorie du Phare, novo livro do escritor e poeta Luiz-Manuel, foi apresentado no Espace-Galerie Diamono em Carouge. A apresentação contou com a presença do autor. Foram lidos, em francês e português, extractos da obra por Luiz-Manuel, Denise Mützenberg e Claire Krähenbühl, sendo estas também escritoras e tradutoras. Josette Glassey fez, ao piano, os interlúdios musicais criando a atmosfera propícia dos ambientes culturais e literários.



No mesmo Espaço-Galeria pontuava a exposição “Canoas” do artista plástico Roger Pires. **Canoas** esteve patente ao público até 16 de Fevereiro.

Foi um evento cultural não desdenhado pelos muitos participantes devido às temáticas enquadradas: literatura, pintura e música clássica.

### Associação 25 de Abril

Fundada em 2004 e sem fins lucrativos, a Associação 25 de Abril de Genève prossegue os seguintes objectivos:

promover, no domínio sociocultural, o espírito do 25 de Abril, enquanto Movimento Revolucionário, democrático e libertador; organizar actos comemorativos da Revolução dos Cravos;

25 de Abril Sempre

Entrada livre

Associação 25 de Abril - Genève

**Festa do 33º Aniversário da Revolução de Abril**

Sábado 28 a partir das 15 h

Domingo 29 a partir das 15 h

\* Filme de Abril \*

\* Palhaços \*

\* Folclore \*

\* Música \*

\* Baile \*

\* Filme de Abril \*

\* Espaço Infantil \*

\* Exposição \*

\* Teatro \*

\* Bar \*

\* Restaurante \*

**Homenagem a José Afonso**

**Sáb. 28 e Dom. 29 de Abril de 2007**  
na École du Bosson em Onex  
Rue François-Chavaz Bus 2,10,19

Contacto tel. 077.441.25.00 - e-mail: a25abril@kultura.ch

25 de Abril Sempre

recolher, conservar e tratar material informativo relacionado com a história do 25 de Abril e o processo histórico que o precedeu e se lhe seguiu; organizar ou apoiar projectos destinados às crianças e jovens com o objectivo de dar a conhecer as vivências do espírito de Abril; promover intercâmbios culturais e de amizade no seio da comunidade genebrina e de outras comunidades, nomeadamente com os povos lusófonos que acederam à independência após o 25 de Abril; organizar debates, exposições, sessões culturais ou outras manifestações que se enquadrem nos fins desta associação.

- \* -

Se é solidário (a) com estes objectivos, entre em contacto com a Associação 25 de Abril, torne-se sócio ou simpatizante. Participe na organização das comemorações do 25 de Abril e em outros projectos relacionados com a Revolução.

- \* -

Dia 23 de Fevereiro, esta Associação **homenageou Zeca Afonso, grande cantor de intervenção**, falecido precisamente há 20 anos.

Uma sessão-convívio de poesia, canto e leituras de textos e poemas que os participantes livremente escolheram, teve lugar na Maison Kultura – rue du Nant, 25 (Eaux-Vives).

O ambiente, gerado pela efeméride, saldou-se positivo. O público confraternizou num espírito de Abril. A música, pela sua temática, ajudou ao êxito do convívio.



Nada foi esquecido, mesmo os petiscos tradicionais portugueses, trouxeram até à Maison Kultura um sabor a Portugal.

Por outro lado, e tal como o tem feito em anos anteriores, esta Associação organiza as **comemorações do 25 de Abril de 1974 no fim-de-semana de 28 e 29 de Abril**, para as quais tem um leque de actividades programadas: teatro, concertos, projecção de filmes, exposições...

A A25A é formada por sócios e simpatizantes, sem qualquer fim lucrativo, e aberta a todos que dela queiram fazer parte. Daí ser bem-vinda qualquer pessoa que, com entusiasmo e disponibilidade, contribua para fortalecê-la.

O grupo de teatro, por exemplo, está, neste momento, à procura de elementos. Se houver interessados, não hesitem, podem contactar para o tel: 079 774 29 03

Associação 25 de Abril  
Case postal 20  
1211 Genève 13  
Tél.: 079 774 29 03  
078 838 47 57  
E-mail: a25abril@kultura.ch

## Musée de L'immigration

Racontez vos souvenirs(vidéo)  
Léguez vos vieux papiers, photos,  
cartes postales, journaux de village.

Samedis 14h – 18h

Av. Tivoli 14 1007 Lausanne - Phone: 021 648 2667

## REFUGIAD'OU

Foi este o título do Fórum organizado pelo *Musée de L'Immigration à Lausanne*, no Centro Intercultural Atelier CasaMundo.

Dia 23 de Fevereiro, as conferências e debates contaram com a presença de Hans Lunshof, responsável da UNHCR/ACNUR (Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados) para a Suíça e Lichtenstein.

Sábado, 24, prosseguiram os esclarecimentos e trabalhos de análise sobre a situação mundial e o grandes problemas dos deslogados/refugiados a que urge pôr fim com o empenhamento e boa vontade de todos. **A solidariedade tem que ser posta em prática o mais urgente possível.**

Atelier CasaMundo  
Av. de Tivoli 14  
1007 Lausanne  
Contanto: Ernesto Ricou – Tél. 021 648 26 67

# É bom tê-lo connosco.





### Miguel Torga – aniversário do seu nascimento

O património cultural de Miguel Torga, que este ano celebra o primeiro centenário do seu nascimento, é de uma enorme riqueza sociológica e moral.

Um homem de letras e um médico que aprendeu tudo enquanto crescia, confessa no seu “Diário”. Estudante ainda, aprendeu a medicina nos livros; quando se formou, aprendeu-a nos doentes; na velhice, olhando para o seu próprio corpo, completou o curso que a Faculdade de Coimbra lhe tinha proporcionado.

Miguel Torga é uma alma inquieta mas sempre com os pés no chão. As suas raízes são como a planta que lhe dá o nome – a torga – tão resistente e vigilante que nem o frio, nem o calor lhe roubam a alegria de crescer e florir todas as primaveras.

Não é um católico mas um crente. Um deísta, talvez como Guerra Junqueiro ou Teixeira de Pascoais. Um deísta – iluminista que admite a existência de Deus mas nega a sua intervenção no mundo. Um deísta que canta a revolta contra

## Em Busca do Miguel

a divindade numa conduta de repulsa porque “o Pecado Original aniquilou a pobre condição humana”.

Faz o diálogo constante com a terra e o homem que a habita. Não vai a Deus, como José Régio, buscar esse diálogo mas ao panteísmo telúrico das terras durienses.

O poeta escritor nasceu a 12 de Agosto de 1907 em São Martinho de Anta, Trás-os-Montes. Deixo-me conduzir, por instantes, pela ficção do zodíaco do Leão, tentando encontrar o perfil que a ele bem se ajusta. Diz o signo que a ignorância leva à repetição dos erros. Miguel Torga usa a energia da tradição e da cultura contra a estupidez e a ignorância para “desbravar novos caminhos, inovar, realizar melhorias e, sobretudo, aprimorar-se a si próprio e a quem no cerca”.

Torga não é um santo de altar, antes um penitente pecador que comunga diariamente com o “EU” dividido entre o bem e o mal, a virtude e o pecado, a luz e a sombra.

A consciência do mundo contemporâneo é refém de comportamentos dependentes e parasitas. Miguel Torga cria uma extraordinária atmosfera de antíteses e metáforas que questionam a busca do homem e do seu próprio ser. Um itinerário que aborda o conflito aberto com o Absoluto e com os outros. O poeta mete a mão na consciência colectiva do nosso tempo, rebelde a toda a ética responsável e solidária. Joga com a culpabilidade e a liberdade como duas irmãs que não se entendem porque não se ajustam nem se adequam. Desafia todos quan-

# Absoluto Torga



Torga com Manuel Alegre

tos rompem o contrato com os momentos fulcrais da existência humana: o crescer depois de nascer, a procriação, o compromisso da coragem por “ter chegado ao mundo depois de um parto laborioso”.

Esta luta, em Torga, é um sacro dever: a pessoa fazer-se a si própria confessando em constante ladainha – Livro das Horas – “de ser dono das minhas horas, de ser charco e luar de charco à mistura, de ser tudo o que possa nascer em mim, de ser Homem, de ser um Anjo caído”.

Influenciado pela filosofia dos poetas do Orpheu, Torga, deixa-se levar, não pela tragédia do desalento mas pelo reconhecimento da divisão interior do “EU”, sempre dilacerado nos escritos do poeta romancista.

Um escritor do nosso tempo e para o nosso tempo, autodesafiando-se na vida em que “apesar dos abismos e das tempestades não acredita no naufrágio”.

O Douro - Uma paixão de Torga



No consultório, em Coimbra

## Le Sacré-Cœur de la La “sacrée” histoire d’une étrange

**L**e nouveau culte du Sacré-Cœur de Jésus est consacré par les adorateurs de la secte des cordicoles, culte révélé à la religieuse Marguerite-Marie Alacoque, née à Vesosvres en 1647, visitandine à Paray-le-Monial; elle répand la dévotion au Sacré-Cœur de Jésus à la suite de ses apparitions.

Une première demande, en 1697, pour l'établissement d'une fête du Sacré-Cœur est rejetée par la congrégation romaine des rites. Deux autres demandes, en 1727 et 1729, sont également rejetées. Le 6 février 1765, les jésuites obtiennent contre l'avis de quatre cardinaux un bref de Clément XIII, qui autorise seulement la fête, non du cœur matériel mais du cœur symbolique de Jésus.

Les cordicoles répondent que c'est le cœur matériel qu'ils adorent et non le cœur symbolique. “Par leur langage, dit-on alors, on voit que tout est charnel; ils parlent de palpitations, de dilata-tions, ce qui fait demander si au Ciel, le mouve-ment des systoles et des diastoles continue...”

Le pape Benoît XIV ajoute: “On peut aussi demander des fêtes des Sacrées Côtes, des Sacrés Yeux...”

### Au XIX<sup>e</sup> siècle

La réaction de la Restauration sauve le Sacré-Cœur de l'oubli: le 23 juillet 1823, par exemple, des jésuites promènent en procession un gigantesque cœur de Jésus avec cette édifiante inscription: “Unique salut de la France”.

Le 19 août 1864, à Castel Gandolfo, est rendu le solennel décret de béatification contresigné par le cardinal Paracciani-Clarelli affirmant la vérité des miracles attribués à M. M. Alacoque, la sainte fille de la Visitation.

Au risque de scandaliser quelques-uns de nos lecteurs, voici une phrase de M. Lanfrey, un non-conformiste de cette même époque: “Les rêveries d'une pauvre idiote, visiblement atteinte de nymphomanie, prennent corps et deviennent un

symbole offert à l'adoration des peuples. Le clergé organise sur la plus large échelle des pèleri-nages à Paray-le-Monial où Marie Alacoque avait eu, disait-elle, avec Jésus-Christ ses “col-loques amoureux”, où Jésus-Christ lui avait demandé son cœur et l'avait mis dans le sien, et où la bienheureuse avait eu une foule d'autres visions de même nature.”

Et ce n'est pas tout! L'Assemblée a déclaré d'uti-lité publique la construction à Montmartre d'une église en l'honneur de ce culte, que le pape Benoît XIV avait appelé idolâtrie...

### A la fin du pouvoir temporel des papes

Une basilique expiatoire sur la butte de Montmartre, une petite éminence de terre de 150mètres de hauteur, à Paris, se doit de devenir, selon le cardinal Guibert, un paratonnerre sacré pour préserver Paris et la France des coups de la justice divine.



Nous reviendrons brièvement sur le texte du Vœu national de la basilique du Sacré-Cœur, dont la première pierre est posée en juin 1875. Les malheurs qui désolent et qui menacent de plus en plus la nation, la défaite de Napoléon III à Sedan, la perte de l'Alsace-Lorraine, l'insurrec-tion de la Commune, sont dus aux Italiens du “Risorgimento”, de l'Unité, du rattachement de Rome au royaume d'Italie. Dans de nombreuses

# butte basilique

églises, les fidèles chantent “Sauvez Rome et la France au nom du Sacré-Cœur. O chères patries, vous régnerez à jamais.”

La France se doit de se sentir chez elle à Rome; dans le passé, des papes se sont accordés à la nommer la “fille aînée de l’Église”!

Revenons à l’histoire du dernier pouvoir temporel de la papauté. Au XX<sup>e</sup> siècle enfin, on a osé dire: “Si le christianisme n’avait pas rencontré Rome, il ne serait resté qu’une misérable petite secte sans avenir.”

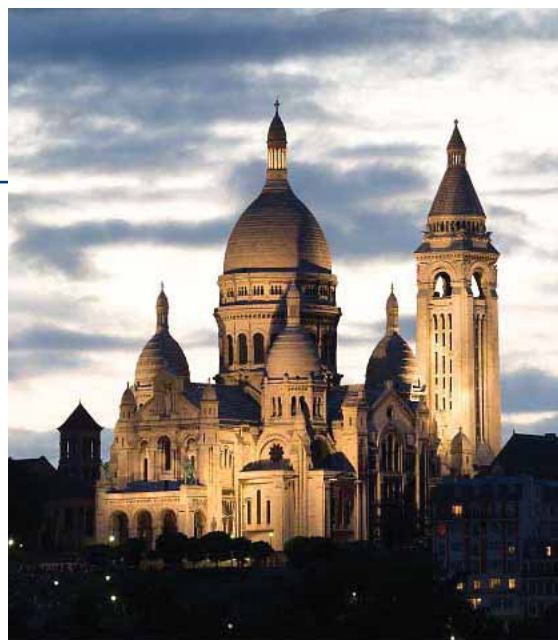
Pourtant, la Rome impériale n’a qu’un profond mépris pour les premiers chrétiens, leur communauté; leur *natio* est qualifiée de *tenebrosa* (pleine de cachettes, obscure), de “lucifuga” (qui fuit le jour, la lumière, oiseau de nuit).

La première Rome chrétienne, de son existence même, a une forte dette envers la Rome impériale, elle demeure pendant longtemps tributaire des Gentils. Se prévaloir d’un droit héréditaire de l’État, le droit du premier occupant.

Puis beaucoup plus tard, au début du XVI<sup>e</sup> siècle, Niccolò Machiavelli reproche à l’Église de pousser, par sa corruption même, le peuple à la servitude politique.

## **XIX<sup>e</sup> siècle: intrusion des Français de toutes conditions**

En 1848, par le refus du pape Pie IX de comprendre la révolution italienne, les patriotes passent à l’action violente. Un soulèvement éclate à Rome, et le pape se réfugie à Gaeta. La République romaine voit le jour le 9 février 1848;



menacée par l’Autriche, elle est poignardée par le président Louis Napoléon, futur Napoléon III. Il ordonne au corps expéditionnaire d’Oudinot de s’emparer de Rome. Après une résistance d’un mois, la République romaine succombe. Le pape rentre dans sa Ville, protégé par une garnison française. Les Italiens qui ne songent qu’à l’unité de leur pays ne cessent de réclamer Rome comme capitale.

La campagne d’Italie contre l’Autriche de Napoléon le Petit et sa politique des “pourboires”, mendiant de discutables compensations, des cessions territoriales en sa faveur (Nice, la Savoie, avec des plébiscites truqués) est loin de satisfaire les alliés italiens et s’attire par ailleurs l’hospitalité des catholiques français.

Son épouse, Eugenia Maria de Montijo, née à Grenade, catholique rigide, soutient avec acharnement le parti ultramontain et influence négativement l’ancien *carbonaro* que fut l’empereur. En 1867, Giuseppe Garibaldi et ses volontaires pénètrent en territoire romain; la France envoie aussitôt de Toulon une flotte qui débarque ses troupes à Civita Vecchia, le port de Rome. Une brigade sous les ordres du général de Failly s’en prend à l’illustre Niçois et ses chemises rouges à Mentana, à 25 kilomètres au nord-est de Rome. Cette inqualifiable intrusion soulève dans toute la Péninsule une juste colère contre la France. “Mentana a tué Magenta”! Les Français sont armés du nouveau fusil dit chassepot qui ont fait merveille”.

Et Rouher est le père de la trop fameuse phrase: “Jamais, jamais la France ne supportera cette violence (n.d.l.r.: le retour des Italiens à Rome) faite à son honneur et à la catholicité.”



Croquis montrant les substructures de la basilique traversant glaise et sable pour atteindre une base solide de gypse

# Le Sacré-Cœur de la La “sacrée” histoire d’une étrange



### Il ne faut jamais dire jamais!

Moins de trois ans plus tard, les Italiens entrent dans Rome. Nous sommes en 1870, c’est la guerre franco-prussienne se terminant par la défaite de Sedan. Les besoins urgents de la défense nationale ont contraint le “dernier empereur” à rapatrier les régiments français de Rome, seuls restent encore les zouaves pontificaux.

Le 20 septembre 1870 au matin, de 5 à 10 heures, l’artillerie piémontaise bat les vieux remparts de la Ville éternelle. La première brèche est pratiquée près de la Porte Pia (*breccia di Porta Pia*). Après un semblant de résistance des zouaves, Pie IX accepte l’inévitable, et à la suite de l’entrée triomphale des *bersaglieri de Cadorna*, de naturels incidents se produisent, les Italiens, officiers en tête, outragent et frappent les zouaves, arrachent leurs médailles de Castel Fidardo et de Mentana. Ces scènes se répètent jusqu’à l’embarquement des prisonniers sur leur navire. Avec beaucoup de peine leur commandant obtient la libération des français incarcérés au lazaret de Civita Vecchia.

Après la capitulation de Sedan, Eugenia de Montijo, la pire ennemie de l’unité italienne, quitte Paris pour l’anglicane terre d’Albion où elle rejoint l’ineffable “Badinguet en fuite”.

### Le vœu national

Le touriste, s’il comprend le français, peut lire à l’intérieur de la basilique, gravé dans le profond de la pierre, le complet du vœu national au Sacré-

Cœur de Jésus: “En présence des malheurs qui désolent la France et des malheurs plus grands peut-être qui la menacent encore; en présence des attentats sacrilèges commis à Rome contre les droits de l’Église et du Saint-Siège et contre la personne sacrée du Vicaire de Jésus-Christ; nous nous humilions devant Dieu, et réunissant dans notre amour l’Église et notre Patrie, nous reconnaissons que nous avons été coupables et justement châtiés. Et pour faire amende honorable de nos péchés et obtenir de l’infinie miséricorde du Sacré-Cœur de Notre-Seigneur Jésus-Christ, le pardon de nos fautes ainsi que les secours extraordinaires qui peuvent seuls délivrer le Souverain Pontife de sa captivité à faire cesser les malheurs de la France, nous promettons de contribuer à l’érection à Paris d’un sanctuaire dédié au Sacré-Cœur de Jésus.”

Ce vœu prononcé à Poitiers en décembre 1870 est approuvé par le cardinal Guibert, archevêque de Paris, le 18 janvier 1872.

### La construction

La construction de la basilique, de 1876 à 1910, est votée par la loi de 1873, complètement financée par une souscription nationale. Elle coûte, en 1914, déjà la somme de 40 millions de francs, or, et dépassera, à la fin, quelque 45 millions réunis par 10 millions de fidèles.

Monstrueux pastiche de mauvais goût, de styles au passé fort lointain, du romano-byzantin de Saint-Front de Périgueux aux dimensions modestes, la gigantesque basilique dresse ses nombreuses coupoles couvertes d’écailles de pierre blanche, un dôme qui s’élève jusqu’à 83m33 et un campanile qui le dépasse de 0,67 mètres seulement, que l’on découvre de partout. Sa croix se dresse à 91 mètres du sol. L’édifice mesure 85 mètres de long, 35 mètres de large; la nef a 60 mètres de long. “Les coupoles du Sacré-Cœur, a dit Antoine Blondin, sont les oeufs de Marie... Alacoque!”



# butte basilique

C'est le roman et le byzantin déformés parle verticalisme gothique. A l'inauguration, le peintre et dessinateur Adolphe Willete, esprit plein de verve, sous la coupole s'en vient crier: "Vive le diable!"

Pièce montée de pâtisserie sur un plateau, monument hétérogène d'une laideur que l'on a qualifiée d'irréparable, symbole boursouflé, hideux, la durée lui assure la forme d'un gâteau de baptême en crème ankylosée.

En réalité, la basilique est édifée avec de la pierre de Château-Landon, au sud-est de Paris, qui sous l'effet de la pluie secrète le calcin. Plus il pleut, plus le Sacré-Cœur est... blanc!

"Tiare blanche au faite de la Cité, d'ici l'on domine la ville entière", répètent inlassablement les guides aux touristes pressés, souvent venus de loin, aux yeux bridés, avant de rejoindre sous les brumes londoniennes d'autres sujets d'admiration.

## Les travaux

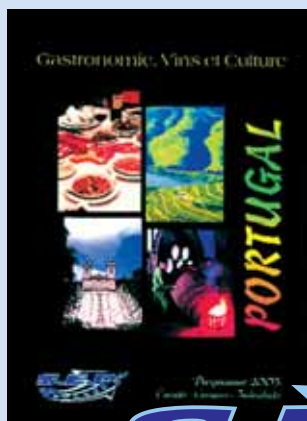
Pendant d'interminables travaux, trois architectes se sont relayés à la direction du chantier. Paul Abadie, Hervé Rauline et Lucien Magne.



La basilique du Sacré-Cœur en construction – une pierre blanche qui ne connaîtra jamais de patine

Le premier, né à Paris en 1812, a fourni les plans en 1874. La première pierre a été posée le 6 juin 1875. Des précédents prélèvements de matériaux sous le terre obligent la construction de fondations plus profondes que prévu, multipliant les frais et ralentissant notablement les travaux. Quatre-vingt-trois piliers descendent à 33 mètres en dessous de la crypte à travers le sable et l'argile jusqu'au gypse portent les murs et les colonnes de la basilique. Les piliers reposent sur des puits maçonnés dont l'épaisseur peut atteindre cinq mètres; ce qui a fait dire à quelque esprit chagrin que c'est la basilique qui soutient la colline et non l'inverse.

Pour conclure, disons que l'analyse d'exemples aussi prétentieux que ratés a toujours une grande valeur didactique: voilà ce qu'il ne faut jamais faire!



A Agência que lhe propõe e aconselha com dinamismo todos os destinos das suas férias, segundo o seu desejo.

**Solicite os nossos catálogos!**



L'agence qui vous propose et vous conseille avec dynamisme toutes les destinations de vos désirs.

**Demandez nos catalogues!**

[www.sepvoies.com](http://www.sepvoies.com)  
[agence@sepvoies.com](mailto:agence@sepvoies.com)

### O País feito num oito

**N**a imensidão dos oceanos, os navegantes do passado tinham necessidade de uma estrela ou de bússola para se orientarem durante a noite.

Todo o cidadão toma, hoje, decisões em função de pontos de referências. Nos últimos meses os governantes portugueses descobriram a existência de uma nova estrela. Em confrontos de aferição de conhecimentos, à escala dos continentes, os estudantes nórdicos figuram nos primeiros lugares. Num país à deriva como o nosso, a curiosidade dos responsáveis pela educação tem-se voltado para os países situados a Norte do Mar Báltico. Nas margens do Tejo, o modelo finlandês é a nova coqueluche de secretários de estado e da ministra da educação. Também o devia ser para o engenheiro Sócrates.

Há poucos dias, no canal 3 da TV francesa, passou uma reportagem sobre os governantes suecos e finlandeses. Qualquer Ministério, na Suécia, tem um dossiê aberto sobre as despesas feitas pelo titular da pasta, podendo ser consultado por qualquer cidadão, ou jornalista curioso. A reportagem começou por focar o ministro sueco da educação. O jovem ministro, exemplo de integração de sucesso, não esconde a infância pobre na Turquia, tendo-se refugiado ali, em pequeno, com os pais, na sequência de um golpe militar.

Numa escola, quando lhe perguntaram qual o seu futuro se não fosse filho de emigrantes, respondeu que seria, possivelmente, pastor. A reportagem não foi feita inocentemente. Tinha várias leituras nas entrelinhas. Era dirigida a responsáveis dos palácios de Matignon e do Eliseu e para nós, portugueses, outros ainda: São Bento, Belém, Necessidades... Em Estocolmo, o ministro da educação não tem carro de função, desloca-se a pé pelas ruas da capital.

O almoço é servido numa cantina, diariamente, onde se encontram vários ministros. Trata-se de uma refeição tomada quase em família com limites

de consumo. Nem o primeiro-ministro tem direito a residência governamental paga na íntegra pelo Estado. Na reportagem viu-se também a história singular de candidata ao posto de primeiro-ministro. Uma questão de algumas centenas de euros fê-la perder o equilíbrio cair de escantilhão. Usara cartão de crédito do Ministério para fins pessoais. Deu-se conta e repôs o dinheiro. A pequena falha não escapou aos caçadores de ilegalidades com voz nos tablóides. Fez-se escândalo, e foi o fim da carreira. Se chegara tarde a revelação e dado a César o que é de César, as pretensões políticas acabaram. Os países nórdicos têm uma imprensa mobilizadora que inventaria, denuncia, estuda as consequências possíveis antes que seja demasiado tarde. Os jornalistas são vibrantes defensores de que a política é servir uma causa pública antes de qualquer outra. Os políticos são cidadãos de referência. Personagens sedutoras do ponto de vista da vida privada. A Presidente da República da Finlândia não esquece os elos que a prendem ao antigo bairro residencial. A pequena mercearia ou pastelaria do canto, onde antes foi cliente, não são preteridas. É ali que continua a ir como simples cidadã.

Ser professor na Finlândia é pertencer ao grupo sócio-profissional mais prestigiado, antes do médico, do arquiteto... As provas selectivas deixam pelo caminho 80% dos candidatos. A percentagem faz-me lembrar algumas pautas de notas do tempo do Liceu e das Universidade, antes de Abril de 1974. Não havia lugar para licenciados em excesso. Para francês e colateralmente quem é estrangeiro e vive em França ou vê canais deste país, olha-se de imediato para dentro, mundo povoado por antropófagos, gente insaciável, cumulada de privilégios e de cartões de crédito, com gabinetes luxuosos em permanente reformulação. Para cada ministro, quantos carros e motoristas? Quantas faixas na auto-estrada e quantos quilómetros à hora? Cada ministro português sabe escolher bem o seu *Fângio* e um carro topo de gama e de alta cilindrada. Vê-los a camin-

Stockholm – Suécia



ho do Norte ou do Sul a mais de 200 à hora não escandaliza ninguém. Não sabem o que é viver com moderação. Saberão eles que na Finlândia há muitas décadas que as transgressões na estrada são pagas em função do património e do salário da entidade à qual pertence o carro? O Ministério das Finanças é tido por uma pessoa ou entidade de bem? Na Finlândia, uma transgressão de 220 Kms à hora, seria punida com uma multa no ordem dos 35.000 contos... Não seria a primeira. A questão podia ser estudada em seminário, em São Bento, perante ministros e deputados. Os amigos da onça e do “povo” usam e abusam dos dinheiros públicos e têm, no rosto, um ar de anjinhos e de eterno optimismo. Somos um povo vítima de uma gangrena, vítima de um bando faminto, deixando-nos a certeza de que seja qual for a cor do partido, no poder, as roupas com que se orna constitui o credo do mesmo predador. Hoje, a maioria dos que entram na política dá-se por missão passar do estatuto de verdadeiras nulidades, de homens de insucesso na vida, ao estatuto de peritos na arte de mentir e pescar em águas turvas. Caem de paraquedas, sequiosos e no fim de um ou dois mandatos, estão impantes e vivem no delírio da embriaguez. Quase impossível afastá-los da baixela. Fatalidade? País de destino trágico. Da pimenta da Índia e do ouro do Brasil alguns traços em monumentos. E as últimas décadas a nadar em dinheiros comunitários não canalizados, sumidos na voragem.

Este documentário, florilégio de revelações insólitas, privilegia a vigilância sobre a cegueira. Aquela tulpina vinda da Turquia, radiante em terra de tão bonitos antúrios, possui a graça de ser habitada por beleza interior. Numa das suas visitas a uma escola primária, o Ministério ofereceu, gentilmente um ramo de rosas, no valor de 25 euros.

A imprensa, que procura avidamente a mais pequena prova de gastos públicos, criticou o gesto. – o último cravinho com ares de Abril foi vendido pelo governo de Sócrates para ornar jarra

doirada de banco estrangeiro -. Quando falta a dimensão da notícia só lhe resta a picuinha! Voltemos ao lado de cá. Profissionais da comunicação investiguem e ousem escrever. E a justiça? É que por este caminho, os diques da decência, em Portugal, vão ruir um dia e a inundação só deixará com vida quem tiver terraços mais altos. Como fugir ao maremoto? Em vez de dar curso às piores tendências humanas, entre elas o laxismo e a violência e o absentismo e o roubo, a escola terá que ser um local de trabalho, onde se estude, seja pontual, eficaz, lutador, marcas impressas no homem do futuro, o construtor do amanhã.

Vivemos um Portugal caído sob o peso dos erros cometidos por governantes imaturos e irresponsáveis. São péssimos aprendizes de mecânica governativa e em vez de repararem vão deixando, na alternância PS/PSD, o país num irrecuperável 8... Enquanto professor, o meu desassossego é difícil de conter face aos efeitos desastrosos das muitas políticas educativas que, desde o início da década de 70, perturbam a aquisição de conhecimentos por parte dos alunos e o trabalho dos professores, tão apaixonados sejam eles. Os professores empenhados perderam a alma. Sentimo-nos de braços caídos no desempenho de uma profissão mal vista pela ministra da educação, pelos pais e pela sociedade em geral. Sociedade que não seja solidário com a escola, que não respeite, não tem futuro.

Como fazer sair do pessimismo tantos e tantos portugueses mergulhados numa apagada e vil tristeza? Dar-lhes uma escola condigna em que pais os pais sejam os primeiros implicados. O professor será obreiro de estrelas alimentadas por energia própria e pela que liberta o ambiente familiar.

À escola cabe elevá-las, seriá-las, dispô-las por ordem de mérito, de empenho, de conhecimentos no firmamento social sob a batuta de um Ministro



Helsinki – Finlândia

## O País feito num oito

da Educação luminoso, eficaz, com estilo próprio, humor, delicado e respeitador de todos. Tudo deve fazer para que não caiam jovens estrelas no “buraco negro” que apenas espreitavam no horizonte.

País que se há-de orgulhar, para meados do séc. XXI, se houver empenho da maioria dos portugueses, por ter participado activamente na edificação de uma galáxia com luz própria e uma inconfundível estrela polar. Portugal será estrelinha grande, lá bem no íntimo de cada um.

Trabalho titânico de gerações, num país que há-de ser governado por cidadãos, iluminados pela justiça das taras de grandeza, iluminados pela justiça da tara de rapina e de todos os excessos: foguetes às toneladas, pinheiros dos mais altos e luminosos, viagens em jactos privados para praias do Equador, festas gargantuescas, burocracia e funcionalismo descomunais, reformas principescas sem descontos para a C.G.A., oito anos perdidos nos Paços Perdidos *em guerras de alecrim e manjerona* e reformas que são e serão afronta geradora de incontinência a quem tem que trabalhar no mínimo 40, rotundas e contra-rotundas em terras sem trânsito e avenidas ornadas de muitas palmeiras...

Face ao desperdício de milhões na educação e nas transgressões não punidas nas estradas, auto-estradas e passeios de ruas transformadas em parques, a Suíça daria matéria nobre à ministra da educação e ao das finanças. Um cantão de trinta e sete quilómetros quadrados, Basileia cidade, arrecadou no último ano 13 milhões de Euros, num trabalho de formiga de polícia e de câmaras de vigilância intolerantes para com os condutores distraídos. A repetência nas escolas não existe na Confederação Helvética. A partir do 6º ano as capacidades dos alunos estão definidas. Cada aluno anda ao ritmo que quer e pelo empenho e inteligência já escolheu entre quatro tipos de comboio: o de alta velocidade, com acesso ao campus universitário; o inter-cidades, com direito a formação profissional, três anos depois do nono; e para os alunos desinte-

ressados o regional ou o mercadorias, viagem que termina no nono ano de escolaridade. O decalque educativo, feito a partir dos modelos nórdicos, seja dinamarquês, sueco, norueguês ou finlandês, países de grande justiça social, só pode terminar em mais um fracasso para quem o copia. Desde o século XVI, com a Reforma e a Contra-Reforma que a Europa cristã se cindiu em países luteranos e calvinistas e católicos e os modelos de desenvolvimento distanciaram-se, como a luz das trevas. Alguns países mediterrânicos, onde figura Portugal, caíram na imobilidade. As raízes do progresso estão contaminadas pela irresponsabilidade, pelo oportunismo, pelo compadrio, pelo absentismo, pela corrupção, pela cunha, pela inverdade, pela fidalguite e doutorite crónicas onde o trabalho é visto como a maior das desonras. O vencedor, o esperto, é o iletrado, que ganha muito fazendo o mínimo... Portugal transformou-se, nas últimas décadas, numa floresta de canudos de cana oca... As agressões nas escolas, a indisciplina, a falta de rigor e trabalho, a falta de cultura de alunos e de professores, as sucessivas reformas e mudança de regras criaram o caos. O que procuramos importar do Norte, sendo exactamente o contrário do que existe no nosso país, é um enxerto condenado porque as duas raízes do cruzamento das árvores são antagónicas, rejeitam-se visceralmente há séculos. No Norte a regra de construção do colectivo é um por todos, todos por um. No Sul é cada um que se salve por si. Todo o investimento é feito para colher frutos; não no imediato mas a médio prazo. Veja-se o exemplo da Ota, empreendimento de biliões que quando terminado, já se estará a pensar onde implantar o novo aeroporto que o substitua, dentro de vinte ou trinta anos, face à incapacidade de corresponder ao crescimento acelerado do tráfego aéreo. Portugal é terra de cérebros políticos minados pela doença das vacas loucas. Quem os pode curar?

# Observatório de Genebra

## Dos jardins suspensos da Babilónia imperial à lenta agonia da petrolífera Bagdade



o escrever estas linhas, ainda não saiu qualquer comunicado sobre a Conferência Internacional de Bagdade que, hoje (10.03.2007), reuniria naquela cidade os representantes dos membros permanentes do Conselho de Segurança da ONU e uma delegação de países interessados na resolução do conflito iraquiano. Uma conferência onde, pela primeira vez, após a invasão daquele país por uma coligação encabeçada pelos Estados Unidos, se sentarão os enviados do *Eixo do Bem* juntamente com os delegados do *Eixo do Mal*, para discutirem acções concertadas que possam pôr cobro ao caos e barbaridade vividos pelo povo da ex-Baixa Mesopotâmia. Sabendo-se de antemão que uma guerra civil entre os três grupos dominantes no Iraque – xiitas, sunitas e curdos – extravasaria as suas fronteiras, pondo a ferro e fogo toda aquela região do Oriente, a única solução é apelar à comunidade internacional para que intervenha o mais depressa possível, restabelecendo uma paz durável no país onde diariamente são massacradas centenas de inocentes, quer pelas guerrilhas internas, quer pela ingerência externa da coligação invasora.

Quando, na sequência dos atentados do 11 de Setembro, o presidente George W. Bush resolveu atacar a Al-Caida – presumível autora moral do crime – e os seus protectores talibãs que ocupavam o poder em Cabul, não encontrou nada melhor que *empurrar* os inimigos da América para um suposto *eixo do mal*, onde também seriam incluídos o Irão e a Síria. Só mais tarde se lembraria de Saddam Hussein e do martirizado Iraque, a sofrer o duplo efeito de um embargo internacional decretado pelas Nações Unidas mais a tirania do seu *raís*:

Por ironia do destino, não seriam os dois primeiros que sofreriam a segunda invasão americana do século XXI, pese embora o facto de ambos terem contenciosos muito mais antigos com os imperialistas do *tio*

*Sam*. Seria o Iraque a pagar a factura dos erros provocados pela **administração Bush** que, à revelia das Nações Unidas e do seu secretário-geral, ordenou a ocupação de um país, berço do extraordinário Império da Babilónia. Foi há quatro anos e também era Março... Nessa altura, as fanfarrônicas dos *boys* deixavam supor uma invencibilidade que, hoje, não ousam pronunciar: três mil e duzentos já não fazem parte do mundo dos vivos; e mais de vinte mil foram engrossar a longa lista dos veteranos mutilados noutra grande aventura que tinha por nome Vietname. Onde – por sinal – os Estados Unidos saíram derrotados... com sessenta mil mortos às costas. Mesmo assim, ainda não aprenderam a lição.

A História mostra-nos que, na grande maioria dos casos, os invasores podem ganhar uma, duas, várias batalhas, mas dificilmente a guerra. Das lutas de libertação, independentemente da sua duração, o agredido acabará – sempre – por expulsar o ocupante, granjeando o respeito de toda a comunidade internacional. Os impérios baseados no poder das armas não são eternos; por essa razão nascem, crescem e morrem, sucedendo-se uns aos outros com a mesma arrogância de sempre. Convencidos da sua superioridade, menosprezam a coragem dos fracos e isso é-lhes fatal. Ora, pela terra antiga da Mesopotâmia, nos territórios compreendidos entre os rios Tigre e Eufrates – hoje Iraque – passaram os exércitos dos maiores impérios que o mundo conheceu: persas, macedónios, etíopes, otomanos, britânicos. Todos eles conheceram a glória e a derrota, protagonizaram inumeráveis chacinas, fizeram da Mesopotâmia uma terra de conquista. Mas perderam-na. Porque não souberam avaliar a força e o amor de um povo por aquilo que lhe pertence: a sagrada terra dos seus antepassados. Que, por tanto a amarem, ousaram nela construir uma das sete maravilhas do mundo, os **Jardins Suspensos da Babilónia**.



## RECORDAR É VIVER

Maria parece ter mais de cem anos,  
A pele gretada pelos desenganos.

O homem na França, falava de mais,  
Fugido a salto, já não volta mais.

Um filho na guerra, lá longe no mato.  
Quatro mais pequenos ajudam na terra,  
Com o burro e a cabra, todo o seu gado.

A filha mais nova, na vila a servir.  
Nunca foi á escola, mal sabe contar  
A mãe não se lembra de a ver sorrir  
Deixou de a ir ver, ficava a chorar.  
A outra mais velha, pariu dois gaiatos,  
Pouco tempo antes do namorado fugir,  
E lá ficou com mais um nos braços,  
Voltou para casa, não tinha para onde ir.

O sogro doente num canto arrumado,  
Doença da mina, já desenganado.  
Um candeeiro a petróleo de luz a tremer,  
E o dinheiro da França sem aparecer.  
A casa há anos que não é caiada,  
No fogo a panela tem uma aguada,  
Sombras de gordura no meio do prato.

Na parede o calendário com uma data:

24 de Abril de 1974

Luis Filipe



*A sua emissão de rádio  
em português*

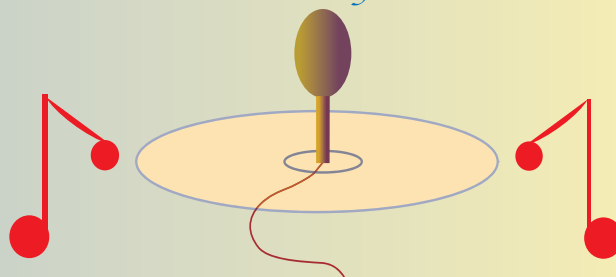
**NOVO HORÁRIO**

*Sábados e Domingos*

**17h / 18.30h**

*Genève, 92.2 FM  
cabo 98.6*

Case postale 1111 • 1211 Genève 1  
Tel: 022 309 09 58 / 022 309 09 59  
horalusitana@radiocite.ch



### Pedro Barroso



Sacudimos a incipiente mornice quotidiana e, de chofre, mergulhamos no alfobre de emoções e genialidade. É a voz poderosa de Pedro Barroso sempre difícil de calar que, expondo-se, expõe outros mundos, outras vidas, outros tempos. Partilha cumplicidades e sonhos cinzelados no indomável querer.

Arca com uma longa carreira onde se referenciam temas emblemáticos e poemas eivados de profunda beleza.

E as palavras tersas autenticam o estar deste “Ribatejano ilustre” nascido em Lisboa (1950) mas é em Riachos, longe de tráficos de influências citadinas, que o viver tem a inteireza que aspira.

Passou pelo teatro; foi o intérprete abnegado das campanhas de divulgação cultural, após o 25 de Abril; foi realizador e autor de programas radiofónicos; manteve a actividade de Professor numa escola em Lisboa; formou-se em Psicoterapia Comportamental “*heterogeneidade apenas compreensível dentro de um projecto de Comunicação Humana*” – diz; trabalhou como psicoterapeuta no Hospital Júlio de Matos e numa escola de crianças surdas-mudas, em Lisboa...

E depois foi a música, as canções os prémios, os galardões, os espectáculos por esse mundo fora, a arte o desenho, a pintura, a escultura, a fotografia, a pesca, a recuperação do património... o mundo vivenciado em aturados trabalhos de autor sensível, vigoroso, arrojado...

Como autor da “Menina dos olhos d’água” as palavras brotam e recontam do legado etnomusicológico de Pedro Barroso. E na sua integridade e lhanza sustenta: “*Já falámos de tanta coisa sem querer...!*”. Pois! Mas falta ainda a entrevista formal (lembramos nós).

Quem é o Pedro Barroso, após 38 anos de carreira. O homem de ambições? “O último dos trovadores” e cantor de emoções? O homem de passado legendário para estas novas gerações?

Para estas gerações novas sou capaz de ser um desconhecido. Temos de confessar isso. Para as pessoas que me vêem como referência, procuro manter toda a dignidade, no sentido de continuar como referência. Por vezes, é difícil num mundo extremamente conturbado e que perdeu valores. Hoje em dia, a moral e a ética não são as mesmas de há 50 anos, mas eu acredito muito num provérbio chinês que diz que se aproveita a pele do leopardo quando morre, mas quando um homem morre o que fica é a maior imagem dele, a dignidade. Portanto, é todo esse legado de tentativa de dignidade, de exemplo, que procuro dar. Há muitas pessoas que têm uma visão muito redutora de mim, mesmo como autor. Consideram-me um autor de música popular com uma visão restrita

das coisas. É evidente que a minha obra não é isso. A minha obra é tanto maior quanto mais abrangente e mais universalista. Hoje em dia, considero que serei tudo o que quiserem, serei tudo isso até que vocês disseram. O que é facto, é que sou mais maduro, sou com certeza mais sabedor, mais músico, mais poeta, mais homem, mais pessoa, porque se há tanta coisa que a idade nos tira, há outras coisas que ela nos vai trazendo.

Actualmente, os seus concertos continua a incentivar as pessoas a comprometerem-se mais na preservação do património local, a preservarem a história, as tradições, a autenticidade da região? É que eles, primando pela música, eram-no também pela explanação dos problemas e carências locais. Digamos que o Pedro Barroso, dono de uma oratória incontestável, põe o público a beber-lhe as palavras...

Onde quer que vou... abreviando a resposta: eu sou professor. Ser professor é um trabalho para

### Pedro Barroso – cantor de

toda a vida, quer dizer, o gosto de explicar, de falar das razões das coisas, as razões profundas, os porquês, etc., fica para sempre e principalmente a quem foi professor tantos anos como eu fui. Considero que continuo a ser - num país que fossilizou, que estabilizou, para não dizer que imbecilizou em muitos campos, sobretudo nos campos ligados à cultura popular - um apoio aos valores que se podem perder. Agora andamos na eminência de perder valores todos os dias, não é só a floresta, não é só o património, é muita coisa: são dialectos, são expressões, são valores, são éticas, são morais, são coisas que se estão a perder todos os dias.

As gerações estão a perder quinhentos vocábulos do velho português, por geração. Fala-se num português simplificado ...

Eu, nos meus espectáculos, continuo a abordar todos os temas que me parecerem, na altura, importantes. Revelo até um velho hábito, que é jantar com as pessoas do próprio local, pedir que alguém da organização, ou aos eventuais responsáveis pelo convite: seja a câmara, a organização local da semana cultural, a associação...enfim, normalmente às pessoas que me convidam, peço para jantarem comigo, para me inteirarem dos problemas locais, para ficar mais informado e saber em que é que poderá ser útil a minha intervenção em cima de um palco. Por experiência de quase quarenta anos de concertos, eu sei que quem está em cima do palco é ouvido com outra atenção e com outra veneração do que se estivesse a dizer exactamente o mesmo, mas à mesa de um café. Aí, ninguém iria ligar importância, mas se for o artista convidado e porque está à frente de um microfone, aí sim... Portanto, aproveito os meus concertos, sempre, para ser um “belíssimo chato”, como diz a minha mulher, porque às vezes, falo de mais, diz ela, por vezes, entusiasmo-me. E ao explicar uma canção, ao explicar um tema, entre duas músicas, convivo, brinco com as pessoas, falo de coisas que são cirurgicamente adequadas ao caso, à vivência ou à cul-

tura, ou à sociedade, ou à localidade em que estou. Mas, suponho que deixaria de ser eu, se não fizesse isso. Continuo a fazer esses concertos que são, no fundo, encontros de amigos...

**E pode crer que são marcantes para o público. Os seus concertos são conotados como espaços de cultura, de poesia, de música e de entretenimento.**

Eu sou assim. É por isso que eu normalmente regresso aos “locais do crime”, como o bom ladrão regresso, ou seja, torno a ser convidado, às vezes,



até por gerações inteiras, completas, *a posteriori*. Ou seja, vinte anos depois, aquele que era um jovem e que tinha quinze anos, naquela altura, convida-me, por sua vez...como se deu o caso no ano passado: um meu aluno, no Estoril, e que agora é Presidente da Junta do...telefona-me e diz: “Professor...”! Quando me tratam assim, já sei que foi um velho aluno e que é alguém que me vai



## emoções

convidar, já num registo completamente diferente... vinte e cinco anos depois!... Isto é muito apaixonante!.

**Ainda nesta temática, afirmou um dia que os artistas são seguramente tão importantes como os médicos e os políticos para a construção de um conceito de país. Actualmente, parece que Portugal está a pôr “fora” os seus artistas.**

Completamente. Estamos a viver nisso desde há umas décadas a esta parte... Mesmo a própria gestão do País, os gestores do País, que no fundo são os políticos, os gestores que nós vamos elegendando, poucos se têm dedicado à causa da cultura, e o único que disse que fazia da educação a sua grande paixão foi parar aos refugiados. Portanto, os outros nunca se empenharam com a vertente cultural. Repare bem. Recentemente houve uma embaixada portuguesa à China, o que é provavelmente louvável, mas hoje em dia as embaixadas tem apenas intuitos comerciais e empresariais. Quem é convidado a integrá-las não são os artistas, são os empresários. Ou seja, visitam-se países para se negociar com esses países. O que está em causa é a balança o “import-export” e no “import-export”, curiosamente, não compreendem que a cultura podia fazer parte – e com que privilégios! – da imagem de um país e da exportação de um país. É-se de um grande autismo em relação à indústria cultural, porque existe uma indústria de cultura, porque existe uma imagem e porque, muitas vezes, um artista, uma hora em cima de um palco, num país estrangeiro, faz mais pela imagem de Portugal do que muitos embaixadores e cónsules naquela mesma cidade, uma vida inteira. Portanto, eu acho que deviam ser convidados mais artistas, mais pessoas da música, do canto, do bailado, de todas as artes, para mostrarem, em força, o que é a cultura portuguesa quando se faz uma embaixada, uma visita a um país, para que realmente se conseguisse projectar aquilo podemos chamar uma idiossincrasia mais completa de Portugal.



**A Comunicação Social “dá uma ajuda”. A RTP internacional emite programas repetitivos. Novelas que tinha na prateleira, há anos. Continuam a publicitar convites para eventos em Portugal, que já foram realizados há um mês ou dois. Não se preocupam em visionar o “fora de prazo” e lá vêm umas cançõezinhas, deste e daquele de qualidade duvidosa... Seremos “portugueses de segunda”? A televisão não dá uma imagem real da música...**

Não, a imagem real é essa, infelizmente. A imagem real, hoje, do país real é a Floribella e todas as imbecilidades que lhe estão associadas. Ou seja, se perguntarem qual é a música popular, agora, pois... se calhar é feita num teclado com um som muito plástico. São as coisas do “bacalhau quer o alho”, ou seja, estamos a vender subprodutos, já nem digo mentais, já nem digo culturais mentais. São coisas completamente alarves, coisas bovinamente imbecis, como sendo arte popular. Eu acho que isso é um insulto...

**Na América, na África e noutros continentes, onde chega a RTPi, haverá muitos casais mistos, muitos jovens lusodescendentes que perguntarão: “Ah!... mas em Portugal há só isto?”**

Talvez, mas infelizmente, em Portugal, estamos a esquecer... O mérito em Portugal nunca com-

### Pedro Barroso – cantor de

pensou. Desde o Camões que morreu com fome, até hoje. Não devemos esquecer que o Carlos Paredes foi arquivista do Hospital de São José; que o Zeca Afonso, se não fossem os amigos quotizarem-se e depois uma escola em Azeitão atribuir-lhe um horário de professor de História, porque já não estava em condições de dar nem uma aula, ele não teria conseguido sequer pagar as injeções que precisava na parte final da sua doença. E por aí fora. Os exemplos seriam mais que muitos, além daqueles que morreram nas fogueiras da Inquisição, para já não ir tão atrás. O mérito em Portugal raramente compensa, isso através dos tempos, mas agora está especialmente evidente. É muito difícil uma pessoa com qualidade, com discurso correcto e com uma atitude inteligente, ser reconhecida. Verificar-se, sim, é que, se não fizer umas macacadas, se não entrar num “exteriorismo” mais ou menos mediático, acaba por não se ser reconhecido como artista capaz.

Por outro lado, a Rádio e a Televisão abordando, digamos, o subproduto mental e o subproduto cultural, chamemos-lhe assim - mas eu acho que nem é cultural, nem é subproduto – cristalizam o conhecimento e o sentido do gosto das pessoas. E, por outro lado, existem os amigos dos amigos dos amigos, com os lóbis que estão estabelecidos. São lóbis comerciais de algumas editoras multinacionais que hegemonizam o mercado em todo o mundo e que chegam a Portugal. Obviamente são muito maiores que quaisquer pequenas editoras que têm muitas limitações de ordem financeira e têm de fazer circular a voz e as canções dos artistas que gravarem. A televisão também não os convida, ou só convida, por um lado, o produto “abimbalhado”, digamos assim, e por outro, o produto que está na moda ou que tem lóbi. E o próprio lóbi é uma coisa que vai durando... sobe-se muito alto e depois, de repente, não se é ouvido e depois torna-se a subir muito alto e não se chega a perceber porquê, ou porque uma editora mais bem

relacionada nos *media* pegou outra vez em qualquer coisa. Portanto há meia dúzia de pessoas que estão sempre protegidas dentro disso e bem apoiadas e bem espaldadas por um lóbi editorial e mediático que, faça o que fizer, seja bom ou seja mau, tem sempre muita imprensa e muita rádio e muita televisão a fazer com que elas sejam muito conhecidas, como se todos os produtos que elas fazem fossem bons. É quase impossível, não é?

**Humm! Caminhos muito tortuosos, cheirando a impunidades...**

Todos nós temos discos melhores e piores. E depois há outras pessoas que têm produtos muito bons e que nem sequer estão a passar... nem são chamadas à televisão, nem são passados na rádio. Por outro lado, não há um programa de música verdadeiramente digno desse nome, nem na televisão, sobretudo na televisão!

Na rádio há uma lei: 25% de passagem de música portuguesa. Acho que é uma lei ridícula, tanta luta para afinal se conseguir 25% de passagem de música portuguesa... e mesmo assim torna a não ser cumprida.

**Mas lutaram por isso, não foi?**

Quer dizer, andou a lutar-se... e eu estive na génese dessa luta por uma nova lei para a música portuguesa, porque a outra não era cumprida, e era de 50%. Para agora... pronto! Pode ser irrealista, julgou-se que 25% seria suficiente. Eu acho ridículo, e acho que se perdeu uma boa oportunidade de estar parado, de estar quieto, e de referendar isso, mais tarde, já que estamos na época de referendo, porque realmente a lei de 25% de música portuguesa...ainda por cima permitindo e integrando, na música portuguesa, música escrita em inglês... a mim choca-me profundamente. Acho uma coisa completamente sem sentido. Portanto, todos esses lóbis estão instalados e é assim que temos andado a assistir à rádio e à televisão nos últimos tempos. Com raras e honrosas excepções, convém dizer, de vez em quando aparece um oásis, um programa

## emoções

que a gente diz “sim senhor”, está bem feito. Agora um programa de música, para músicos, com músicos a sério, não.

No outro dia actuei entre os limões. O senhor estava a fazer limonada e depois a seguir foi vender aspiradores. Então entra o Pedro Barroso entre a limonada e os aspiradores... Ora, isto é degradante, é humilhante! Apetece dizer “olhe, eu vou-me embora”, mas como tinha um espectáculo importante, no dia seguinte, em Lisboa, no Teatro Armando Cortez, e a produtora do concerto pediu-me, por tudo, para ir à televisão fazer o que é o possível... E, além, ser muito pouco o que é possível, são programas em que, inclusivamente, ainda ficam muito zangados, porque não vamos fazer “play back”. Devido a querer dar o suplemento de verdade que constitui o facto de estarmos a fazer música ao vivo, as pessoas ficam muito zangadas porque nós não estamos a fazer “play back”.

**O Pedro Barroso não faz “play back”. É autêntico....** Obviamente. Nem era capaz. Sempre que me põem a fazê-lo por necessidades de gravação ou de “vídeo clipe”, ou outra coisa qualquer, os lábios não acertam com a música que lá está. Porque eu, se cantar dez vezes uma canção, canto dez vezes de uma forma diferente. Estou permanentemente a corrigir. Estou permanentemente a improvisar. Estou permanentemente a reviver aquilo que foi escrito, sempre a reconstruir. Sou um reconstrutor...

**A mulher é um tema muito presente, na sua música? Nos poemas, nos livros que editou ocupa um lugar central. Ultimamente, devido ao referendo, tem sido, também, a pedra de toque. Neste momento, acha-a bem ou mal amada pela sociedade?**

Bom, eu acho que não tem muito que ver com o referendo. O referendo era uma actividade mental que se repôs no devido trilho e que conseguiu encarregar-se numa visão, numa óptica modernizada e decente, digamos assim, que é a reposição da decência apenas. O “sim” é reposição da decência e de liberdades fundamentais da sociedade, não



é só da mulher é da sociedade em geral. Não considero que seja muito esclarecedor em relação à libertação ou não libertação da mulher; é a reposição de uma situação de decência, porque a posição do “não” é uma posição “catolicista” impregnada de teias de aranha e de um cheiro bafiento que me repugna e que nunca fará avançar este país. Aliás, em termos geopolíticos olha-se para o mapa e verifica-se quais são as zonas de maior influência, onde realmente se registam nestas coisas o “não” e o “sim”. Agora a libertação da mulher, ou a própria mulher, é eternamente um enigma. Em termos de sedução pelo inexplicável, chamemos-lhe assim, a mulher é, e vai ser sempre, uma sedução na minha obra e na minha poesia e na minha canção. Aliás quando eu escrevo o livro *A Mulher e o Mundo*, como eu costumo dizer, é muita presunção porque é tentar escrever sobre duas coisas que nunca ninguém conseguiu compreender, porque tanto a mulher como o mundo são difíceis de explicar. Mas a sedução existe e eu tenho tido o privilégio de receber, por vezes, da parte de mulheres uma crítica muito positiva, dizendo que a minha obra é de um grande entendimento naquilo que o feminino em geral, é capaz de exigir, e deseja, e fantasia, e gosta de pensar, e gosta de comportar-se... *(...) existe uma mulher na nossa vida / que fica sempre para lá da eternidade / detentora absoluta da memória / habitando a nossa própria identidade (...).* Qualquer companheira gostaria de se ver assim amada, imprescindível...

O poema pode ser de encantamento, pode ser de despedida, pode ser de pormenor...

### Pedro Barroso – cantor de

Tive até um episódio, extremamente engraçado, que acho que isso é jornalístico, e é curioso. Uma vez estava na terra da Maria da Fonte, que é a Póvoa do Lanhoso, e antes de mim actuava um grupo de música popular que é a da Póvoa, da outra Póvoa, da do Varzim. E estava uma senhora e...

– “Olhe! o meu marido é aquele”, apontava-me, fascinada, para o marido e via-se que... o marido, que estava a tocar bombo, coitado, digamos, que não era um grande músico que estivesse ali ... mas o fascínio da senhora era tal que:

– “Vê-se que a senhora tem uma relação muito forte com o seu marido...”

– “Foi o senhor, o senhor é que fez com que fizéssemos as pazes... estivemos quase a separar-nos”.

– “Eu, minha senhora?”

– “Sim, olhe! Começámos a ouvir aquela canção do “excesso”. E depois, olhe! Ele a ouvir... e depois eu: ainda havias de ouvir melhor. Vamos ouvir outra vez...”.

Ao que parece, sem saber, imagino que ajudei a fazer as pazes a um casal desavindo, porque, ao que parece, despertei eflúvios, eventualmente, sensuais que estariam esquecidos. Fui uma espécie de “Cartilha de João de Deus” adaptada à vida erótica do casal, o que faz com que, muitas vezes, a mulher, no seu geral, normalmente, pelos *e-mails* que recebo, pelas cartas que recebo, me agradeça, entre aspas, a perspectiva que tenho tido dela, na minha obra.

A Mulher, o Amor, o Mar, os Tipos Humanos, a Portugalidade, são temas, entre outros, que fazem parte da sua obra. Os títulos dos álbuns “agarram” pelo simbolismo puro, um diamante a convidar lapidação. Quando pensa editar uma colectânea, titula-a e depois escreve os poemas nesse contexto, ou o álbum é titulado mediante os trabalhos já compilados anteriormente?

É *a posteriori* e, às vezes, até é difícil escolher os títulos finais de CDs, por uma questão meramente técnica. É que para os registar na Sociedade

Portuguesa de Autores, muitas vezes já existem os títulos em que nós estávamos a pensar. Por exemplo, “Meninas”, existem talvez 400 canções que começam por “menina”. Por acaso com essa não tive problema porque sempre estive para se chamar “Menina dos olhos d’água”, mas já tive muitas “noites”, muitas “esperanças”, canções que estiveram para ter outros nomes e que não pôde ser porque já existiam outras registadas (repare-se, a Sociedade Portuguesa de Autores tem 80 anos, vem desde 1920).

**Sabemos da sua paixão pela natureza, pelo sossego, pelos espaços genuinamente e naturalmente sãos. Mas porquê o afastamento tão prolongado dos meios citadinos e das, segundo Pedro Barroso, “tertúlias da intriga”?**

Tertúlia?... Eu gostaria de frequentar “intrigas de tertúlia de cultura” mas elas desapareceram em Portugal. Quer dizer, neste momento, eu penso



## emoções

que existem uns lóbis que se reúnem em casa próprias, tipo Procópio, etc. e por aí fora. Mas já não existem. E não existem praticamente desde a morte da Natália Correia e com o encerramento do Botequim, que foi a última grande tertúlia de cultura que houve em Lisboa; e também com o isolamento das pessoas face à grande deusa televisão, à grande deusa Internet. As pessoas não saem para conviver e para discutir. No outro dia, por acaso, estava a jantar na Abadia, no Porto, um restaurante reconhecido e chegou-se ao pé de mim um indivíduo, aliás dois indivíduos, e um falou: “se estiver às quartas-feiras no Porto será muito bem-vindo à nossa Tertúlia de Poesia. Somos engenheiros, advogados, motoristas, não interessa a profissão. Vamos e dizemos poesia no bar tal, à noite, apareça”. Eu achei uma ideia extraordinária, esta. O país está a precisar de ideias destas, de tertúlias... Agora, realmente, eu sei que sou um pouco misantropo, sou um pouco sorumbático, sou um indivíduo fechado criativamente em mim, ou seja: mesmo desde jovem em que se estudava em grupo, para esclarecer dúvidas, o grupo ajudava-me, mas se fosse para fixar ou para produzir eu próprio, criativamente, qualquer coisa, tinha que ser mesmo sozinho para conseguir fazê-lo. A maior parte da minha obra é reveladora de alguma solidão... Sem a nostalgia de que muito gostaria de o fazer compartidamente, compartilhadamente, mas sou mais produtivo e talvez mais profundo quando realmente tenho silêncio. Acho que a música vem do silêncio tal como no risco de uma obra plástica, ou no traço, que tem que ser sobre o papel branco. Se o papel já está desenhado, aquele traço vai perder-se em desenhos prévios. Se eu emito som em cima de sons ambientes que já preenchem o espectro sonoro, ou se faço a gravação de um discurso em cima de outro discurso, é evidente que não se vai perceber nada. O silêncio faz parte da minha arte de reflexão e criação. É um pouco mais por isso...



Agora, a tertúlia é a vivência, é descobrir com os outros coisas bonitas, é brincar, é evoluir culturalmente. Em Portugal faz muita falta esse tipo de tertúlias.

Uma vez, numa das minhas deslocações a Estocolmo, o cicerone, que era português, disse-me: “estamos aqui no bairro dos artistas” e eu perguntei-lhe, “o que é que queres dizer com isso?” “É que o Estado propicia condições excepcionais quando não dá mesmo casas a artistas, neste bairro” e então, “Ali está o Carl Hapton, ali está a “não sei quantas”, ali está um compositor de música, o outro é coreógrafo, outro é bailarino”. Quer dizer, todo o ambiente cultural, toda a capacidade dos artistas construir obra conjunta através de uma vivência, de uma vizinhança, de uma tertúlia que, neste caso poderá ser em casa de cada um, que é colectivista, que é fabricante de beleza, é muito maior, muito mais exponenciada do que nós que estamos todos isolados. Quando se criou cá o Centro Cultural de Belém eu pensei que seria isso, que me iam atribuir lá um ateliê para eu fazer música e poesia, tal como iam fazer a um bailarino, a uma coreógrafa e por aí fora, e que iam escolher, sei lá, cem ou duzentas pessoas em Portugal. Já que se gastou ali tanto dinheiro, dava para duzentos autores portuguesa em áreas muito

### Pedro Barroso - cantor de

diversificadas desde a estatuária até à música, à coreografia, ao bailado, sei lá! A tantas coisas!... o ambiente no Centro Cultural, para mim, era isso. Era ferver ali, todo um fervilhar de correntes, de ideias culturais, de produção de espectáculos, de produção de *performance*, coisa realmente moderna. Não é nada disso. É uma sala convencional, onde se fazem exposições convencionais, inaugurações de livros, *vernissages*, exhibições e espectáculos. Esse sentido laboral ou laboratorial de centro cultural, de tertúlia criativa, de artes, esse sim, digam-me onde é que existe!!! Em Portugal, nunca foi entendido como tal e nem existe.

**Deparámos com esta sua afirmação: “Quem patrocina o Pedro Barroso é o Pedro Chora mas pode acontecer que um dia seja o Pedro Barroso a patrocinar o Pedro Chora. Quem é este Pedro Chora?”**



Esse gajo é maluco! Esse gajo é doido! Esse gajo só desenha mulheres e faz desenhos perversos, é completamente tarado. O Pedro Barroso é um homem olímpico, é um homem apolíneo, é um homem de uma grande dignidade, mesmo quando diz assim umas coisas mais heterodoxas ou menos ortodoxas, ele justifica-as. O outro deixa correr o traço e a pena e faz normalmente a graça pela arte plástica de uma forma muito livre e sem dogmas, sem quaisquer dogmas, porque não os tem. Tem uma ideia fixa que é a mulher, e é a mulher, e é a mulher, o homem é perverso!

Aliás a primeira exposição colectiva... não, não foi a primeira, mas a mais recente, em que eu faço pela primeira vez uma exposição individual, numa galeria municipal muito bonita, tem como título genérico “Desenhos Pré-Versos”. Geralmente é tudo muito baseado no erótico, na mulher, raramente tem outro tema...

**Por isso aquela imagem tão bela exposta no écran daquele computador dá o mote....**

Mas aquela não é da minha autoria... eu sou um coleccionador de beleza, não sou um observador de beleza. Sou muito cúmplice em relação a tudo quanto seja belo. Há pessoas que colecionam selos, colecionam sapatos, colecionam chapéus, não sei mais o quê... Eu coleciono um objecto que me pareça belo, qualquer coisa que eu ache que integra um arquétipo de que eu gosto e a mulher integra perfeitamente todos os arquétipos do belo. Tenho ali um ateliê que vou mostrar-vos e vocês depois perceberão melhor.

Falando agora a sério do Pedro Chora - não é que tenha estado a falar a brincar - já fez cinquenta concertos por ano, não sei sequer se agora me apetecia fazê-los, mesmo se os tivesse. Também não os tenho, porque hoje em dia, cresceu-se, derivou-se para outros nomes, para outras pessoas, há todo um mundo e outras solicitações e outros artistas que surgiram. Mas ainda vou fazer quinze, vinte concertos por ano, simplesmente, também não quereria mais. A parte de criatividade nas artes plásticas entretém-me imenso e dá-me imenso gozo e não sou caso único, porque chegámos à conclusão que o Álvaro Cunhal, o Souto Moura, o José Viana... aliás, chegámos à conclusão que o José Viana foi um pintor extraordinário, nos últimos anos da sua vida. Não me admiro que um dia isso me venha a acontecer, simplesmente não tenho o saber que essas pessoas têm, faço umas brincadeiras, que já começam a ter alguma aceitação e alguma procura, felizmente, o que me dá um certo gozo.

## emoções

Não sabíamos dessa sua veia para as artes plásticas mas, na verdade, tem lógica, o belo interpreta-se em várias vertentes e o Pedro...

Eu vivo para a arte. Eu vivo para o belo. Também quando não existe, invento-a. Como eu digo num poema antigo que foi dedicado à Manela, aliás: “se não existires eu faço-te, já esculpi outras que tais”. Ou seja, agarrar numa ruína e fazer uma casa bonita, agarrar numa paisagem e embelezá-la, ajardiná-la, favorecê-la sem lhe retirar a sua rusticidade mas potenciar os lados positivos, o agarrar-lhe na sua aparentemente perdida e não aproveitada beleza. Até no desporto isso se faz, por vezes, indivíduos que são potencialmente tão campeões que, por vezes, só em clínica é que se consegue tratar disso. Isso é descobrir afinal a valorização das coisas.

Vendo agora pelo prisma do artista, do amante do belo, os programas que se fazem e que se mostram, não acha que incomoda a vulgaridade, para não dizer torpeza dos realizadores? Os poemas, as músicas das composições, são pedradas no marasmo, na vulgaridade da televisão e da rádio. Não acha que é por isso que não é tão solicitado? Os “Sabedores e Fazedores” têm medo que os confrontem com a sua pequenez...

Um amigo nosso, em Genebra, referiu-se a si dizendo “pois, é que ele é um peso pesado da cultura”.

Infelizmente não sou só da cultura, também tenho de acartar o resto do corpo o tempo todo. Eu sou mau para julgar em causa própria, eu acho que tenho uma obra com dignidade, com profundidade e procuro, obviamente, cada vez mais e com a idade, que os temas sejam exactamente isso: dignos, densos, aprofundados. Eu acho que se anda a produzir canção muito pela rama. Anda-se a produzir arte muito para consumo descartável.



Todo o artista interessa ao mundo político. Interessa ao mundo da própria arte em geral, se for controlável, ou seja, o artista controlável é um artista que está sempre na nossa mão. Isso pensa o político, pensa o gestor cultural, pensa o ministro da cultura, digamos assim, pensa o secretário de estado, pensa o indivíduo que vai assinar os subsídios, ou seja: “este indivíduo nunca fará sombra, nunca fará trabalho que amedronte ou que ponha em causa o meu poder e o meu saber.” Quando esse indivíduo cumpre essas premissas, esse indivíduo, digamos, que é “inofensivo”, entre aspas. Eu não sou. Tenho escola. Tenho formação musical. Tenho formação poética, sei do que estou a falar e articulo com qualidade. Suponho, e tenho uma obra que pode falar por mim. Então talvez por isso eu não tenha acesso a “capelinhas” do poder e a subsídios espantosos que foram, sobretudo, estapafúrdiamente visíveis na Expo, quando se promoveram concertos e coisas completamente inaudíveis... e houve dinheiro para todo o possível e imaginário; mas em que eu, por exemplo, não fui convidado.

Aliás, devo dar como exemplo – e eu dou sempre esse exemplo – de uma ocasião em que se fez “Lisboa, Capital da Cultura” e mais uma vez... eu pensava, e qualquer pessoa de cultura pensava: “venham cá todos, porque Lisboa vais ser a capital da cultura, como tal venham, por favor, de todo o mundo, porque Portugal vai mostrar na sua capital o que é a cultura portuguesa”. Não! Nada disso. Logo para a inauguração, no primeiro dia, foi convidada a Monserrat Caballé e a Orquestra

### Pedro Barroso – cantor de

Sinfónica da Escócia, salvo erro, ou de Londres. E todo o ano de “Lisboa, Capital da Cultura” foi baseado nesse conceito.

Os espanhóis quando a fizeram mostravam a cultura espanhola ao mundo. Ora bem, eu não só não fui convidado à “Lisboa, Capital da Cultura”, como depois, no ano seguinte fui ao “Luxemburgo Capital da Cultura”. Fui convidado, integrei as actividades. Isto quer dizer que em Portugal alguma gente... não digo que têm medo, eles não têm medo, eles ganham milhares de contos por mês; têm óptimos cargos na gestão do país e decidirão como muito bem entenderem.



Uma vez telefonou-me um agente destes, para casa, e disse: “Ó Pedro, então para a frente (para a frente é a aparelhagem, a luz e o som. É uma gíria, entre nós, no palco) o que é que você precisa? É que eu tenho lá uma rapariga que, no dia anterior, me exigiu dezoito mil watts...” E eu disse-lhe a ele “Olhe! À minha frente eu prefiro mil e quinhentas pessoas”. Portanto em vez de dezoito mil watts, faz-me muito mais falta mil e quinhentas pessoas, ou mesmo mil, que sejam inteligentes, já fico

contente. Isto foi uma piada e ele levou algum tempo a conseguir compreender. Isto saiu-me, por acaso, meio a sério, meio a brincar, e ele: “ah, ah, ah, lá está você...”.

É evidente que nós precisamos das mesmas boas condições técnicas que as outras pessoas, mas faz-me muita falta esse tipo de capacidade de absorção. Nada pior do que um tipo estar a dizer piadas em alemão a um indivíduo que não fale alemão, obviamente que ele não se vai rir porque a linguagem é outra, porque ele não consegue compreender aquele tipo de piada. Se eu nunca tiver ouvido música barroca, eu nunca vou gostar de música barroca, se eu não conseguir uma linha de pensamento ou se não tiver referências culturais e poéticas que me permitam avaliar a beleza daquele poema não vou achar aquele poema belo. Portanto, em parte, o que acontece com a minha obra é um bocado disso, há uma base, há uma formação.

#### A sua formação musical começou cedo?

Eu comecei a estudar música com oito anos na Fundação Musical dos Amigos das Crianças com a professora Adriana de Vecchi, depois interrompi muitos anos, mas tive sempre a noção de um aperfeiçoamento, e volto a estudar piano com vinte e oito anos com a professora Maria Luísa Bruto da Costa. É verdade que fui aluno de latim do Vergílio Ferreira, ou seja, tenho “berço”, culturalmente, e é desse berço cultural que eu olho hoje para uma geração de novos músicos portugueses e verifico que muitos deles começaram-me das mãos, e não digo nomes, nem peço, porque poderia ser mal entendido. O que é facto é que grandes nomes de grandes solistas, hoje, são pessoas que, se forem à minha obra, estiveram lá a tocar comigo como instrumentistas, aqui há trinta anos, há vinte anos, ou até há menos tempo. Portanto, isso dá-me um certo orgulho. Dá-me a tranquilidade de saber que o meu trilha, provavelmente, foi correcto. Se querem aproveitá-lo e se o país entende aproveitá-



## emoções

lo, muito bem. Há amigos e pessoas que têm entendimento e que têm conhecimento da minha obra que apreciam e que me reconvidam. Quem me convidou, normalmente, mais tarde ou mais cedo, volta a fazê-lo. Agora aqueles que nunca ouvirem... a minha obra, obviamente, com o tempo ir-se-á perdendo porque não foi devidamente divulgada. Nunca estive em grandes editoras, numa EMI, numa Universal, numa grande editora internacional. Nunca tive essa habilidade para conseguir que fosse... não sei... nunca soube vender muito bem, digamos que sempre fui serzinho na dignidade, na hombridade, na profundidade e, eventualmente, na inteligência naquilo que tenha feito e na perfeição... mas sempre fui um péssimo vendedor de mim mesmo. Não sou um péssimo administrador de carreira, ou seja, tenho a carreira que fui capaz de ter, e tenho muito gosto, porque hoje ao olhar para ela, caramba! Já actuei em quase todo o mundo e não me posso queixar. Mas do ponto de vista de andar aí nos lóbis, nas tertúlias, nos ministérios a pedir subsídios para isto e para aquilo e para aqueloutro, não! Eu vi produtos vergonhosos, produtos culturais e infra-culturais vergonhosos na nossa "Expo". Subsídios espantosos para coisas extraordinárias que não o eram. E a minha alma fica parva! Como é que esses produtos eram subsidiados?! Mas pronto, há lóbis constituídos; há pessoas que os canalizam...

Eu sou muito amigo do professor Petula do Conservatório que já tocou comigo nalguns discos, era meu vizinho e é genro do maestro António Vitorino d'Almeida e que me dizia: "eles pagam muito bem" e eu: "mas o que é que tu estás a tocar?" e ele: "estou a tocar uma peça completamente impossível de se tocar, aquilo é inenarrável, aquilo não tem ponta por onde se lhe pegue!". Mas conseguiu vender não sei quantos concertos daquilo durante a "Expo", e os músicos estavam todos muitíssimo satisfeitos a tocar uma coisa



inaudível. Nunca mais ninguém vai conseguir ouvir aquilo!!!. Era música contemporânea, mas da má, daquela que era mesmo para "épater le bourgeois". E estava encantado porque estava a ganhar muito bem como músico; o compositor então...! Faço uma ideia!

No entanto, havia outros bons produtos e projectos que foram apresentados.

Nessa altura tinha saído um trabalho meu sobre o "ir e o voltar" na grei portuguesa, na saga e epopeia portuguesas...queria fazer um concerto e tinha convidado o Manuel Freire.. Apresentei o projecto e nem resposta tive... Ainda por cima a "Expo" era sobre o mar! Não tive resposta. Eu, Pedro Barroso, com trinta anos de carreira, nessa altura. **O povo português revela-se, por vezes, muito agarrado ao passado. Para se modernizar leva o seu tempo... certas amarras mesquinhas, tradicionalistas, não nos deixam dar o tal salto para a frente... Agora, sinteticamente, no seu conceito o que é ser português?**

Eh pá! Eu sou um velho português, eu luto por valores de ética e de moral que já não se usam. O actual português está em perda de identidade. É terrível dizer isto, mas não existe apenas a ameaça da floresta amazónica e a ameaça do efeito de estufa, e a ameaça do descongelamento das calotes polares; existe a ameaça da perda progressiva de identidade das nacionalidades, e a portuguesa é uma delas. Só não é totalmente perdida... e isto que vou dizer é extremamente reaccionário, é extremamente perigoso de ser entendido com reaccionário, mas o que é facto é que, apesar de tudo, são esses arquivalores ancestrais completa-

### Pedro Barroso – cantor de

mente “bimbos”, completamente estúpidos, completamente sem razão absolutamente nenhuma, completamente atávicos e enfeudados a um passado, que ainda nos vão diferenciando. Ou seja: há quem diga que a única vantagem do Salazar foi ter conservado a miséria, porque na miséria, na total penúria económica se preservaram valores que, provavelmente, de outro modo se teriam estragado. É evidente que não defendo isso porque toda a minha carreira, toda a minha vida, toda a minha vivência, todo o meu exemplo não é, obviamente, por aí. Mas é preciso que se redescubra uma nova portugalidade moderna e que não seja menos airoso e menos digna que a velha portugalidade. Ou seja, nós somos herdeiros de um país que é o mais velho da Europa. Entre a ideia de independência do Condado Portucalense e a nossa actual portugalidade no século XXI, existe todo um trânsito de grande pundonor, de grande brio, de muita lágrima, de muita força e de muita inteligência e de muita perseverança e de muita luta. Não esqueçamos que também estivemos sessenta anos em que deixámos de ser portugueses, e de muita reacquirição, demasiada, quanto a mim, para a perdermos agora perante a globalização e a falta de amor pela nossa própria causa.

Infelizmente, esta atitude, hoje em dia, é entendida como sendo uma atitude de neonacionalismo. Ora bem, não é de todo nesse sentido nacionalista que pretendo deixar este recado, é no sentido da criação de algo que seja profundamente moderno, evolutivo e progressista. E cuidado! Não deixemos o amor da pátria, no sentido da palavra que está quase *tabu*. Hoje em dia não se quer falar em pátria, porque pátria passou a ser uma palavra atribuída aos nacionalistas. Mas eu acho que as pessoas que são do progresso, as pessoas que são da sensibilidade, da intimidade, da fraternidade, da solidariedade não devem enjeitar a palavra pátria. E essa palavra tem de continuar a ter um peso e um espaço muito grande no nosso coração de por-

tugueses e não devemos enjeitá-la nem devemos deixá-la ficar no quadro clinicamente soturno de um nacionalismo doentio. Não, devemos adaptá-la às necessidades modernas. Nós somos um país com uma enorme função no mundo e nessa função de grande diplomacia, quase diria, sem darmos por isso, estabelecemos pontes, miscigenizámos, como diz o Gedeão “*estendi na areia mulheres de todas as cores*”.

Uma vez, estava em Macau e vi um calceteiro à minha frente e como já lá estava há quinze dias, parei ali um bocadinho - gosto imenso de ver calçada, eu próprio gosto de fazer, mas quando são pequenos espaços não me dá muito jeito, tenho barriga, fico todo dobrado, entretenho-me. - comentei: “estou farto de ver chineses, ao menos, você é português”, “Sou xim xenhor!”, “Ah! É da zona de Viseu, não?”, “Não, é como xe foxe, mas eu, por acaso nasci em Angola”, dizia o homem com profundo sotaque. “Ah! Nasceu em Angola, curioso. Então como é que veio parar aqui à China?”, “Nasci em Angola e depois voltei, o meu pai é de Viseu e a minha mãe é alentejana...”, “Então de onde é que ela é?”, “É de Serpa. Mas eu depois fui para Mangualde e fui para calceteiro”, “Ah!! Muito bem. Então como é que você veio para à China?”, “Não, eu estou aqui emprestado pela Câmara de Loures...”.

Realmente, ser português é isto: é ter nascido algures num espaço interior, que só pode ser interior porque ao exterior já perdemos a tramontana, algures, filho de pai de Viseu e de mãe de Serpa, nascido em Angola, regressado para Mangualde e emprestado pela Câmara de Loures para ir fazer calçada portuguesa na China. Pronto! Isto é ser português. Acho que é o paradigma da portugalidade, é de certo modo qualquer coisa que é muito exemplificativo. É a nossa função no mundo e essa função bonita, diplomática mesmo feita por uma pessoa sem grande expressão mas que legou lá, que lá ficaram, em Macau, passeios, arte de portu-

## emoções



gueses, que são lindíssimos e realmente são notas de poesia que nós vamos deixando pelo mundo fora. Notas de poesia que, às vezes, foram pessoas, foram filhos, foram netos, foram gerações, foram olhos castanhos...

**Vem ao encontro da ideia: em qualquer lugar da Terra há um português ou um testemunho da sua passagem..**

Um dia estava a ver os Jogos Olímpicos, emocionadamente, o hóquei em campo, que é um desporto muito vulgar e exponencial. E um dos melhores jogadores de hóquei da Índia tinha nas costas, pura e simplesmente, o nome Ferreira. Um chamava-se “não sei quê” e outro “não sei quê” e aquele era o Ferreira. E o ser português é o surpreendente desse surgimento em qualquer parte, que é, de certo modo, apanágio da diáspora. Isso é extremamente rico.

Eu suponho que aqui em Portugal não se tem a noção do que é ser português no mundo e que vocês na emigração têm muito mais ... aliás na própria emigração, cada um no seu sítio, sente saudades: sente que lhe falta lá qualquer coisa; sente que lhe falta o “Bacalhau à Brás”; falta-lhe o peixinho fresco, as sardinhas assadas; mas não tem a consciência de uma função extremamente ampla, extremamente universal da portugalidade que tem desempenhado. Porque nós temos quase 900 anos. A cultura *flamand* foi descendo, descendo e acaba por ser metade de um pequeno país, a Holanda, o Luxemburgo, etc., quer dizer, fora os grandes condados da velha França, nós verificamos a própria Alemanha... e a Itália, antes de Garibaldi não era Itália, e Espanha... eu estudei num mapa que ainda dizia “as Espanhas”.

Ainda hoje falei por *mensageiro* e disse: “eu falo castelhano, mas por uma questão de respeito vou falar consigo em português” e ela: “Prefiro porque eu respondo-lhe no meu “portugalego”. Ou seja,

prefere falar em português, e em português nos entendemos... Porque na própria Espanha de hoje a Catalunha tem uma língua, os Bascos outra, tem separatismos e não sei que mais...

Esta história foi-me contada pela Maria de Lurdes Pintassilgo, quando foi à China...

Ela estava à espera de ser recebida, talvez, pelo secretário do sub-secretário lá do sítio e ficou a tremer quando soube que seria o primeiro-ministro, Zhou Enlai, a fazê-lo substituindo o Presidente por este se encontrar doente. Se não fosse esse percalço, teria sido o próprio Mao Tsé-Toung a recebê-la.

Durante o encontro falaram dos problemas de Macau, de problemas que existiam na China, da Educação e, no final, ela não resistiu e disse: “eu vou fazer uma pergunta contra mim própria, mas não estava à espera de ser recebida a tão alto-nível político, por que é que isto aconteceu?. Sou de um país pequeno, da Europa, que não é uma França, uma Alemanha uma Inglaterra...”

“Pois, mas nós prestamos culto à antiguidade e nós sabemos que Portugal tem as fronteiras definidas mais antigas da Europa. E, para nós, o país *que está, que é ali*, há mais tempo, que tem mais tempo de história é o mais importante”.

Ou seja, o chinês dá grande importância à idade, à maturidade, ao *estar ali*, e isso foi determinante par que ela tivesse sido recebida por quem foi.

Se isto é relevante para a moral do português protótipo do indeciso e céptico, afirmarei, bem alto: **Português, nunca seja céptico em relação à sua importância no mundo.**

António Pinheiro e Luz Neto

# Saudades do tempo

**N**asci no dia em que António de Oliveira Salazar fez cinquenta anos...

Quando, com sete anos, entrei para a escola primária situada entre Algés e Belém, em Lisboa, já tinha idade suficiente para me aperceber de muita coisa. Em todas as salas de aula, sobre o quadro negro da parede, a foto de Salazar. Os alunos que ao Sábado envergavam a farda da Mocidade Portuguesa, organização de juventude do Estado Novo, usavam um cinto em cuja fivela havia gravada a letra S, de Salazar.

Grande parte dos meus colegas de escola não usavam sapatos, andavam sempre descalços, com os pés porquíssimos e por vezes feridos por cortes de vidros. A maior parte dos meus condiscípulos vestia-se mal, com muita roupa remendada, e, na foto oficial de fim de ano lectivo eram colocados na última fila, ficando eu na primeira com os que calçavam sapatos e vestiam melhor. Aliás, naquela zona da capital, era frequente ver adultos descalços. As pessoas viviam bastante mal e muitas escadas de prédios serviam de abrigo a mendigos durante a noite. Na minha pernoitava o “Sete Ceroulas”. Durante o dia imensos homens andavam vestidos de zuarte – de ganga, como lhe chamávamos – mesmo não sendo operários e, ao Domingo, dia em que toda a gente vestia o que de melhor tinha, apresentavam-se com fatos de zuarte mesmo coçados e com grandes remendos de um azul vivo. Muitos alunos iam para a escola tendo por pequeno-almoço um pedaço de pão seco acompanhado de café sem leite. Muitos deles não comiam carne durante semanas.

Tenho saudades desses tempos...

Junto da Torre de Belém, onde actualmente há uma grande zona relvada, existia a Fábrica do Gás, empresa que empregava muitos trabalhadores. Naquele tempo, e até ao 25 de Abril de 1974, não existia o direito à greve. Assisti a reivindicações pacíficas por melhores salários por parte dos trabalhadores e a repressões ferozes da GNR a cavalo, espadas desembainhadas, que se abatiam sobre as pessoas. Na Carris, em Santo Amaro, em Lisboa,

qualquer reivindicação dos empregados era reprimida pela PSP da vizinha esquadra do Calvário. Nos campos, reivindicações dos trabalhadores rurais eram reprimidas selvaticamente pela GNR. Quem não ouviu falar do assassinato de Catarina Eufémia, em 1954, perto de Beja? No Couço, em Pias, aldeias do Alentejo, a repressão chegou a ser feroz com imensas prisões, atingindo muitas mulheres e em Aljustrel, numa das acções repressivas chegaram a ser mortos dois homens. Manifestações de estudantes, ou do povo em geral, nas ruas, eram dispersadas pela polícia de choque à bastonada e com a utilização de “carros-canhão” que lançavam fortes jactos de água com tinta azul que marcava a roupa dos manifestantes.

Tenho saudades desses tempos...

Quem adquirisse um aparelho de rádio tinha de pagar uma licença de uso: podiam-nos bater à porta fiscais indagando se a telefonia que se ouvia tinha respectiva licença. Também para usar isqueiro era necessário possuir licença, havendo fiscais que abordavam as pessoas na rua caso acendessem os cigarros utilizando tal objecto. A Coca-Cola esteve proibida até ao 25 de Abril. Para sair do país toda a mulher casada necessitava de autorização escrita do marido. Nas Colónias, os habitantes brancos eram considerados “brancos de segunda”. Nem toda a gente que trabalhava por conta de outrém tinha direito a um mês de férias; por exemplo, antes do 25 de Abril os bancários gozavam vinte dias de férias durante os cinco primeiros anos de serviço, vinte e cinco durante os cinco anos seguintes e só então passavam a usufruir de um mês completo.

Tenho saudades desses tempos...

Nos liceus aprendíamos que em Portugal havia vários escritores vivos de valor, contudo grande parte das suas obras encontravam-se proibidas. Como por exemplo: Aquilino Ribeiro, Alves Redol, Soeiro Pereira Gomes, Luís de Sttaumonteiro, Urbano Tavares Rodrigues, António José Saraiva, Bernardo Santareno e muitos, muitos outros. Existia também a Censura à imprensa, à rádio, aos espectáculos. Qualquer jornal só podia ser

# de Salazar

publicado desde que fosse visado pelos censores que cortavam tudo o que lhes desagradava. Havia palavras que não podiam aparecer escritas nos jornais, assim como certas notícias. Noticiar suicídios era impensável para dar a ideia de que o povo vivia feliz. Muitas peças de teatro eram impedidas de serem representadas, os filmes censurados, os espectáculos de revista tinham uma sessão prévia perante a Censura antes de se estreamem. Livros de grandes escritores estrangeiros encontravam-se proibidos, como do brasileiro Jorge Amado, dos franceses Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir, do italiano Alberto Moravia, do norte-americano Henry Miller, assim como dezenas de outros. Os namorados não podiam trocar beijos à luz do dia.

Tenho saudades desses tempos...

Não existiam partidos políticos. Havia a União Nacional – partido único – que apoiava os sucessivos governos. As eleições, quando havia, não eram livres e em muitas mesas de voto não havia representantes da Oposição, para manipulação dos resultados. A partir de 1959 acabou a eleição directa do Presidente da República que passou a ser eleito pelos deputados das União Nacional, procuradores à Câmara Corporativa, todos com forte dependência política face ao Governo. Existia a PIDE, polícia política, que, para além dos seus agentes possuía uma vasta rede de informadores. Milhares de pessoas tinham ficha na PIDE o que tornava difícil obter emprego no Estado. Centenas de pessoas foram afastadas dos seus empregos e perseguidas mesmo possuindo elevado valor. Como por exemplo Aurélio Quintanilha, Manuel Valada, cientistas; José Morgado e Bento de Jesus Caraça, matemáticos; Pulido Valente, Adelino Costa, Dias Amado, Abel Salazar, médicos; D. António Ferreira Gomes, Bispo do Porto, que teve de abandonar o país; Mário Soares, deportado para São Tomé; homens de letras como Agostinho da Silva, Jorge de Sena, Jaime Cortesão, José Rodrigues Miguéis, etc., os quais tiveram de se exilar. A PIDE tinha uma característica “boa”: perseguia, prendia, torturava e... assassinava. Os presos políticos foram às

centenas no tempo de Salazar, só acabando com o 25 de Abril. Eram encarcerados em prisões como as do Forte de Peniche, Caxias, Aljube, Campo do Tarrafal – em Cabo Verde – e submetidos a torturas como a da estátua, do sono, espancamentos. Muitos dos presos políticos após serem julgados e condenados por terem opiniões políticas contrárias às de Salazar eram também condenados a medidas de segurança que lhes prolongavam o tempo de prisão: Manuel Guedes condenado a quatro anos de prisão cumpriu mais nove, Ângela Vidal e Campos condenada a três anos cumpriu mais seis, Francisco Miguel passou na totalidade vinte e um anos de cadeia. O assassinato do General Humberto Delgado e da sua secretária brasileira Arajaryr de Campos, pela PIDE, em 1965, foi efectuado com o consentimento de Salazar. Aliás a PIDE era dependente do Ministério do Interior mas a sua acção era directamente supervisionada e acompanhada pelo próprio Salazar. De entre outros assassinatos levados a cabo pela polícia política contam-se os do escultor José Dias Coelho, na Rua da Creche, em Alcântara, em 1961, de Alfredo Dinis, em Bucelas, em 1945, de Augusto Martins, caldeireiro, em Setembro de 1937, de Joaquim Oliveira, de Fafe, e Manuel Silva Júnior, de Viana do Castelo, ambos em 1957, na Prisão da PIDE do Porto, do estudante Ribeiro dos Santos, no Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras, em 1972. No Campo do Tarrafal morreram vários presos políticos.

Tenho saudades desses tempos...

Pelo facto de Salazar não ter compreendido os ventos da História o nosso país viu-se envolvido em mais de uma dezena de anos na Guerra Colonial. Muitas centenas de militares morreram, muitas centenas foram feridos, alguns deles estropiados pelo rebentamento de minas e de todo o tipo de desastres.

Tenho saudades dos tempos anteriores ao 25 de Abril...

# Manuel Saraiva

ou um amor volado ao Douro e ao

**E**ra um líquido púrpura, rutilante, voltejando num copo elegante. Com mestria requintada, Manuel António Crúzio Saraiva, fazia-nos perceber os rituais específicos que prodigalizava ao néctar, qual rubi iridescente, erguido à contra-luz. “Os ritos são sempre os mesmos... fazem despertar a natureza do vinho e preparam o nossos sentidos para apreciá-lo: a visão capta as cores; o olfacto os suaves aromas o *bouquet*; o gosto capta um número infinito de sabores... Nesta avaliação o tacto também é importante. Se na mão tivermos um copo esteticamente belo, o vinho ganha mais subtileza. Daí convidarem artistas plásticos, *designers*, nomes como Siza Vieira para reproduzirem o copo ideal para cada vinho. Antigamente bebia-se o Porto num copo de licor... ora eu costumo dizer: para um vinho nobre tem que existir um copo nobre!”.

Espontâneo e cordial aceitou falar do Douro, região que lhe cativou alma e do vinho. O vinho com Portugal dentro.

“A história do vinho do Porto, nomeadamente o da Região Demarcada do Douro é interessante. É a região delimitada mais antiga do mundo (1756) desde que Sebastião José de Carvalho e Melo, Marquês de Pombal, assim o entendeu. Posteriormente apareceram outras por esse mundo fora: *Champagne, Bordeaux...*

Desde o tempo dos romanos que aí se faz vinho só que com técnicas completamente diferentes das utilizadas hoje em dia.

O vinho do Porto aparece no momento em que surge a guerra entre a Inglaterra e a França. Os ingleses impuseram o bloqueio aos franceses; deixaram de adquirir o vinho na região de Bordéus e passaram a abastecer-se na parte Norte de Portugal – Região do Douro. Só que a viagem era mais longa; o vinho não aguentava o transporte nos barcos e como não havia os métodos químicos que hoje há, para estabilizá-lo, decidiram, de forma empírica, prepará-lo para a viagem, estabilizando-o ao adicionar-lhe

# Millennium

bcp

A v i d a i n s p i r a - n o s

### Genève:

Rue de Lausanne 54 • 1202 Genève  
Tel. 022 908 38 48 • Fax 022 908 38 45  
Tel. câmbio 022 908 38 40

### Lausanne:

Place Chauderon 18 • CP 5343 • 1002 Lausanne  
Tel. 021 320 99 32 • Fax 021 312 46 34  
Tel. câmbio 021 323 51 34

### Zürich:

Wyssgasse 6 • 8004 Zürich  
Tel. 044 296 60 40 • Fax 044 240 50 45  
Tel. câmbio 044 240 50 46

## vinho com Portugal dentro

aguardente vínica, subindo, com isso a graduação. Ao subirem o grau, as bactérias e os outros elementos nocivos ao vinho não se desenvolviam num teor de álcool tão elevado. Eis, aí, então, o nascimento do vinho do Porto.

Mais tarde, os ingleses instalaram-se no Porto, foram até à região do Douro fazer novas experiências que consistiam, agora, em adicionar a aguardente vínica logo no momento da fermentação. Surge um vinho com a doçura natural e naturalmente alcoólico, também.

**E porquê?, questionámos, leigos nas artes enícolas.** “Porque mal as uvas entram no lagar e nas cubas, o açúcar começa-se a transformar em álcool. Quando chega aos 8 graus adiciona-se a dita aguardente e aí pára a fermentação – o açúcar deixa de se transformar em álcool – mas ficando ainda açúcar suficiente para lhe dar doçura. Como a aguardente tem mais álcool que o próprio vinho que se consome, temos um vinho doce e alcoólico entre os 19 e os 20 graus. Claro que o vinho do Porto sempre foi e será, como a música e o fado, embaixador de Portugal. Da mesma maneira que o são também os portugueses que vivem fora do nosso país.

Mas tão importante quanto isso é nós termos consciência que existe um vinho que é o vinho dos reis e o rei dos vinhos – o vinho do Porto vintage. É um vinho de uma só colheita – ocasional, em cada 10 anos, o máximo que se produz são três vintages – e tem que ser aprovado pela Câmara dos Provadores do Instituto do Vinho do Porto.

É uma raridade! Tem que ser um vinho como o que Nelson (Horatio Nelson, almirante britânico) usou para desenhar o mapa de ataque militar aos franceses. O vinho do Porto não só serve para desenhar grandes planos de ataque em batalhas e guerras como serve de perfume. Há muitos anos atrás, os cavalheiros ilustres, do Porto, usavam o vinho em vez do perfume: punham três ou quatro gotas de um néctar com mais de 40 anos e ficavam com um aroma fantástico, para conquistarem as ricas bur-



Manuel Saraiva, confrade da Confraria do Vinho do Porto

guesas da época... Muito mais haveria que falar sobre este tema e da Região Demarcada do Douro, Património da Humanidade. E isso deve-se à vontade, à força, ao querer das gentes que lá vivem. Com trabalhos e agruras construíram aqueles magníficos socalcos que tornam a paisagem deslumbrante”.

**Em passagens fugidias por algumas quintas a Norte do Pinhão, deparámos com a franca recuperação destas após atravessarem uma fase de abandono. Andará por aí também “dedinho inglês”?. Manuel António Saraiva conhecedor profundo da região explicita.** “Em relação aos ingleses que tinham uma ligação muito importante com o vinho do Porto, hoje, essa relação está a inverter-se; se há poucos anos atrás a Inglaterra era o maior consumidor, hoje o Canadá e os Estados Unidos já a ultrapassaram, com os Portos de qualidade. Em termos de quantidade (infelizmente) é a França que lidera, embora se esteja a alterar, um pouco. Para esta situação ou tendência contribuíram os portugueses que aí trabalham. Na década de sessenta partiram com muitas dificuldades para França e resto da Europa e de cada vez que iam a Portugal traziam sempre *a sua garrafita de porto*, para oferecer ao chefe ou ao patrão.

Claro que, como as possibilidades não eram muitas, não podiam comprar do melhor! Daí, os franceses, se habituarem a beber o vinho do Porto como aperitivo, mas de fraca qualidade e fresco, como um qualquer *martini* de hoje. Os ingleses já não, sempre tiveram a tradição do vinho do Porto e nada melhor para um inglês que um Porto vintage, um bom charuto, um bom café e um bom queijo stilver...”.

# Manuel Saraiva

ou um amor rotado ao Douro e ao

Na Suíça os bons queijos também deviam requerer um vintage duriense... “Na Suíça está a aumentar o consumo das categorias especiais do vinho do Porto. É um dos países que já consome Porto de grande qualidade e, em contrapartida, estão a baixar as qualidades standart, felizmente para nós, porque estamos a notar que os suíços e as pessoas que aqui vivem já sabem aquilo que querem, o que é bom!”.

**O vinho do Porto tem características para acompanhar refeições? Elucida-nos Manuel Saraiva.** “Grandes cozinheiros já fizeram várias experiências a acompanhar os vários pratos com Porto; mas eu, pessoalmente, aconselho a beber um bom Porto como aperitivo e depois, no final, com um bom *camembert*, um *rockfort* ou então um Porto vintage com um *gâteau au chocolat*, para quem é apreciador um vintage de 40 anos com um charuto e um bom café, vai bem a qualquer hora!”.

**Hoje, garbosamente, assume o seu interesse pela divulgação dos melhores produtos que Portugal tem. Mas o saber de experiência feito passou por outras profissões.** “Realmente comecei como transitário (transportes internacionais) mas sempre ligado ao comércio. Depois estive ligado a Bancos. Fui durante vários anos presidente de uma das maiores Caixas Agrícolas do país, São João da Pesqueira. Apoiei fortemente a agricultura local, sempre com a paixão do vinho ligada ao comércio internacional.

Através das minhas viagens estabeleci contactos e fui-me apaixonando pela divulgação dos bons vinhos, hoje alarguei essa gosto aos produtos portugueses na sua generalidade.

Nós, se provarmos um bom azeite do Alentejo ou do Nordeste Transmontano notamos que consegue ser muito melhor que os azeites italianos ou espanhóis. Não têm, infelizmente, a divulgação e a notoriedade que merecem; e digo o mesmo em relação às frutas do Algarve, da região do Oeste que são tão boas ou melhores do que as que se produzem no estrangeiro!”. **Conciso, referiu o *modus operandi* na divulgação dos produtos que a sua empre-**

**sa selecciona em Portugal.** “Neste momento (e é aquilo que eu faço), pegamos nos vários produtos que Portugal expõe e seleccionamos o tipo de cliente para esse produto. Temos clientes para 150 francos. garrafa, no caso dos vinhos, e clientes para 5 francos. Há clientes para comprarem um “pata negra” do Alentejo outros para um presunto de Chaves. Conforme os locais, as casas e os consumidores assim nós lhe propomos os produtos. Mesmo àqueles que têm menos possibilidades não deixamos de os aconselhar melhor.”

**A empresa que dirige, aqui na Suíça, tem a sede onde? Com que nome?**

“Se bem que eu considero que o mercado é global, nós estamos num cantinho a que se chama Península Ibérica, de maneira que eu fui buscar o nome **IBERCASH**, mas sempre com a prioridade de que mais importante do que Península toda é Portugal. A sede está em Genebra.

Mas nós também estamos ligados a outros importadores tradicionais, aqui na Suíça, como o *Sousa Vins*, em *Neuchâtel*. No entanto é mais no mercado de Genebra que actuamos.

Em termos de logística e distribuição, já temos uma equipa razoável com tendência para aumentar. As melhores casas de Genebra são nossos clientes de referência como o *Hotel Four Seasons*, *Château des Bergues*, *Château Vieux*... e muitos outros, que tanto prestígio têm e que ajudam a prestigiar os nossos produtos.

O nosso lema é: **mais do que vender é prestar um bom serviço e aconselhar; promover aquilo de que mais gostamos que são os produtos portugueses!**”

**Quer dizer que começa a haver maior abertura aos nossos produtos aqui na Suíça e noutros países?**

“Exactamente. Há uma abertura muito exuberante por parte dos suíços. Há dias tive a curiosidade de entrar numa loja portuguesa (mercearia), onde pensei encontrar só clientes portugueses. Durante os 30 minutos que lá permaneci, entraram 19 clientes e só três é que eram portugueses. Quer dizer que os suíços já procuram aos nossos produtos.



## *vinho com Portugal dentro*

E, além do mais, a nossa empresa, tem uma forma um pouco diferente de vender em relação aos nossos colegas que estão aqui há mais tempo instalados.

Confiamos nos produtores, confiamos nos produtos que temos e então o que temos que fazer, antes de vender? Dar a conhecer o produto.

Por exemplo em termos de aproximação ao cliente: chegamos a um café ou restaurante e pedimos autorização para ver o café que têm. Depois escolhemos o lote equivalente, em preço, ao consumido nessa casa. Colocamos o moinho e oferecemos 2 Kg. de café para o restaurador experimentar. Só pedimos que seja servido nas mesmas chávenas onde serviam o outro e registem a opinião dos clientes sobre o novo produto que lhe está a ser servido. Garanto-lhes que mais de 95% dos casos, os próprios restaurantes optam pelo nosso café.

Não impomos. O restaurador não escolhe. Quem escolhe é o cliente.”

**Com tanto empenhamento nestas actividades, ainda há lugar para mais projectos?**

“Lancei a marca de vinhos “Saudade”. Essa marca é para distribuir pelo mundo inteiro.

Eu creio que não existir uma única região do mundo onde não haja um português e levarão uma garrafa de “Saudade” para “matar a saudade”. É um vinho do Porto com várias categorias. Depois vamos continuar com um vinho da Região Demarcada do Douro que é efectivamente a região



Manuel António Cruzio Saraiva e esposa

onde nasci e que, das de Portugal, mais quero promover.”

**E a sua experiência na quinta do Douro Castelinhos?**

“A experiência na Castelinhos deu-me possibilidades de conhecer o mercado, os produtores, os produtos e desenvolver a vertente de que gosto: o negócio. Com a Castelinhos consegui chegar a lugares onde nunca chegaria, se não fosse essa “grande porta”, “grande tapete rolante”, que me trouxe até aqui, a Genebra.

Mas a Castelinhos continua com as três vertentes: produção, comercialização e enoturismo.

Esta última vertente centra-se na Quinta de São Domingos, onde são recebidos milhares de visitantes por ano que vão conhecer e apreciar nossos produtos bem como para realizarem colóquios, comemorações, congressos porque, como sabem, oferece soberbas instalações e um acolhimento exemplar.

**Frontalidade, determinação e espírito empreendedor aliados a uma portugalidade convictamente assumida, fazem de Manuel Saraiva a pessoa que vale a pena conhecer.**



# Montepio

Valores que crescem consigo.

**Escritório de Representação em Genève**

Rue terraux du Temple 9 – CP 1829 – 1211 Genève 1

Tel 022 731 58 00 • Fax 022 731 58 04 • Câmbio 0800 96 58 00 (número gratuito)



# Einsiedeln

**E**insiedeln, cidade encaixada na base de montanhas densamente arborizadas, faz parte do cantão de Schwyz mas cujo relacionamento com este, durante a Idade Média, não foi fácil.



*Einsiedeln* teve (e tem) uma existência marcada pelos eremitas. O próprio nome, traduzido do alemão significa eremitério.

E a colossal abadia que foi e é centro de religiosidade e peregrinações deve a sua existência ao eremita Meinrad, santo, do qual o mosteiro guarda a mais preciosa relíquia – o seu crânio – num sarcófago de prata no altar-mor. *Meinrad* nasceu em *Sülichgou*, perto de *Rottenboug-Wurtemberg*, por volta do ano 800. Estudou no mosteiro de *Reichenau* – ilha do

lago Constança, hoje património mundial da UNESCO. Aos 25 anos foi ordenado diácono e, mais tarde, influenciado pelo tio, abade de *Reichenau*, foi ordenado padre, fazendo, seguidamente, votos beneditinos tornando-se um fervoroso monge.

Vai, como professor, para o pequeno convento de *Babichova*, nas margens do lago de Zurique.

Dando azo à sua vocação de eremita, retira-se para a *Forêt Sombre*, junto do lago de *Etzel*. Aí recebe inúmeras pessoas que lhe solicitavam conselhos e pedidos de intercepção. De tal maneira cresceu a afluência àquela lugar que se viu obrigado a refugiar-se no local mais profundo e denso da floresta para aí ter tempo de rezar e meditar.

Nesse local instalara um eremitério e, durante 26 anos, resistindo a todas as tentações (segundo os vizinhos eremitas, desse local, apareceu-lhe o Salvador para lhe fortificar o espírito), mostrava-se hospitaleiro com todos e generoso com os pobres.

Tirando partido da solidariedade de *Meinrad*, dois vagabundos, (o suíço Richard e retiano Peter), matam-no para lhe roubarem os tesouros que, pensavam eles, teria armazenado.

Agora a lenda diz que dois corvos que *Meinrad* alimentava perseguiram os assassinos até Zurique onde estes foram reconhecidos e castigados.

Repare-se que dois corvos, adornam hoje o brasão da basílica de *Einsiedeln*.

Depois da morte de *Meinrad*, outros eremitas vieram instalar-se na *Forêt Sombre*. Essas rudes paisagens alpinas, com profundas florestas, sem presença humana, atraíam os ascetas na procura de refúgio solitário.

A 16 de Setembro de 934, o Superior da catedral de *Strasbourg*, *Eberhard*, chega a *Meinradszelle*, reúne os eremitas da Floresta e funda uma comunidade. Traz, com ele, outras pessoas da sua região que irão ser os primeiros habitantes do planalto, designados por: “gens de la maison de Dieu”.

Elevam um mosteiro e a igreja consagram-na, em 948, a Maria, Mãe de Deus e a São Maurício. Ficou assim concluído o primeiro mosteiro de “Notre Dame des Ermites”, assim apelidado pelo povo.

Mais tarde, numa acção conjunta, dirigida pela duquesa de *Souabe*, *Reginlinde*, pelo arcebispo de *Augsbourg*, *Ulrich*, e outros benfeitores, asseguram a subsistência do mosteiro doando-lhes terras de cultivo. Em 1018, o Imperador *Henri II*, doa-lhe a totalidade da *Forêt Sombre*.

Ao longo dos séculos, vários incêndios devastaram as construções que ao reconstruí-las eram alteradas e ampliadas.

Hoje estamos perante a mais emblemática jóia do barroco suíço - introduzido na Suíça, no século XIII, pelos monges de *Cister* – e o maior símbolo de fé e peregrinação helvético.

Depois de um sem número de esboços e ajustes, as obras de transformação e decoração foram entregues aos irmãos *Kaspar Moosbrugger* que pro-



jectaram o sumptuoso monumento. Entrando, somos submergidos pelo exuberante e grandioso “Octógono”. Denominado assim por ser um espaço com oito lados, de cujos vértices se elevam colunas geminadas que entreligando-se, lá no alto, dão origem a cúpulas recobertas de frescos com cenas bíblicas. Estas, por sua vez, num harmonioso jogo de entreteçamentos, vêm centrar-se nos dois gigantescos pilares centrais cujas bases ladeiam a capela da Virgem Negra - local onde antes se erguia a capela dos eremitas. A luminosidade é intensa, os rasgados vitrais harmonizam-se com as paredes lavradas.

Por cima dos altares – da esquerda e da direita – estendem-se as galerias que dão acesso ao coro superior – visita obrigatória para ver o mais antigo dos três preciosos e artísticos órgãos da basilica, da autoria de *Viktor Ferdinand Bossar de Baar* a mando do príncipe e padre, *Nikolaus Imfeld*, acabado em 1754. Os outros dois, de *Saint-Marie* e de *Saint-Maurice* ladeiam as fachadas do templo. Depois do “Octógono”, abre-se o espaço (41 metros de largura) reservado às celebrações.

Este emaranhado de pilares e colunas, num autêntico jogo arquitectónico de “trompe-l’oil”, impressiona pela multiplicidade de espaços encimados de cúpulas cada qual a mais exuberante.

Os imponentes frescos estão ladeados por esculturas de santos, anjos, patronos e símbolos numa “desarmonia” sabiamente harmoniosa.

A abóbada central ergue-se por cima dos quatro altares: *Sainte Croix*, *Mont des Oliviers*, *Saint-Maurice* e *Saint-Segismund*.

Atente-se que mesmo por baixo desta zona central fica a cripta do mosteiro, assinalada pelos dois monumentos funerários (ao lado dos gradeamentos do coro principal), um para os monges e o outro para os abades do mosteiro.

Nos mosaicos do chão vemos os símbolos do zodíaco, a lembrarem que a vida humana decorre, entre eles, efêmera.

O artístico gradeamento separa a igreja do coro. Este é reservado aos monges. Nele pontua o altar-mor encimado por quatro esculturas alegóricas: a “Pureza”, com uma pomba na mão; o “Poder”, com o ceptro e a coroa; a “Força”, de couraça e lança atacando um dragão e a “Plenitude de Graças”, despeja da cornucópia transbordante, graças para a humanidade. Toda a parede atrás é ocupada pelo deslumbrante fresco representando a glorificação de Maria, no céu.

Mas o que mais atrai o visitante é a capela da Virgem Negra no cetro do “Octógono”. A imagem (séc. XVII) é de artista anónimo. Maria, de cabelos levemente alourados, tem uma coroa na cabeça e dos ombros cai um manto cravejado de pedras preciosas. Nos braços, tem o Menino que brinca com uma ave. Interroga-se sobre a razão de a imagem ser negra. Devido ao fumo das lâmpadas de azeite que a escureceram ao longo dos séculos? Devido à humidade apanhada na sua “fuga” para a Áustria, quando os exércitos napoleónicos tomaram *Einsiedeln* (1798) e destruíram a capela? Certezas, não existem.



# Einsiedeln



Quando do seu regresso de terras austríacas, um artista aproveitou para branquear-lhe a face. O povo não gostou. Estava habituado à sua Virgem Negra e, novamente, foi preciso enegrecê-la.

Hoje os habitantes de *Einsiedeln* festejam – festa principal – a consagração da capela à Virgem, dia 14 de Setembro com o nome “Dédicace angélique”.

Como frisámos, esta abadia requer minuciosa observação porque o abundante e riquíssimo

recheio, está eivado de significados e simbologias que escaparão aos mais desatentos.

Por todo o lado pululam, voltejam, anjos de graciosas expressões e posições sem que nenhuma seja repetida. Talvez esta particularidade alimente a variedade de anjos que se adquirem, como recordação, nas lojas de “souvenirs” de *Einsiedeln*.

Outro gesto, já enraizado entre os peregrinos, é beber água nas treze bicas da fonte da Virgem que fica na praça à frente da catedral, invocando, ao mesmo tempo, favores divinos. Esta fonte ocupa o



local da outrora feita pelos eremitas. *Basilius Oberholzer* restaurou-a em 1893, seguidamente, o abade *Benon Gut*, renovou-a nos anos 50 do séc. XX, com mármore branco encimada por uma coroa dourada e, no interior, uma bela escultura da Virgem.

Os monges da abadia de *Einsiedeln* regem-se pela *Regra* escrita por São Bento – nasceu em *Nursia*, na *Umbria*, Itália em 480 – que instituiu no ano 500, no Monte Cassino, Itália. É o único trabalho escrito que dele se tem., morreu em 547. Por causa de ter escrito a *Regra dos Monges* é considerado o Patriarca dos monges do Ocidente. A principal divisa destes beneditinos continua a ser: “Ora e labora” (reza e trabalha) e vivendo sempre em equilíbrio e moderação. Vivem em comunidade fraterna sob a autoridade do Superior do convento numa constante procura de Deus no silêncio, na oração e no trabalho de subsistência.

Catarina Reis

Temos a certeza de que a **Pessoas** passa a fazer parte do seu dia-a-dia. Não perca tempo. Este é o cupão de assinaturas.

Preencha-o e devolva-o. **Já!**

Pessoas magazine – Case Postale 1877 – 1211 Genève 1

Nome/Non: .....

Morada/Adresse: .....

Código postal: .....

Tel. ....

Assinatura anual (Suíça) 20frs  (Europa) 40frs

Assinatura anual de Apoiente  .....frs

## Brigada Ligeira

Mesmo se nos apetece brigar ou “brigandar” com os diplomas universitários dos nossos deputados e professores, vamos procurar não o fazer.

Há tantas coisas para dizer e contra-dizer que preferimos não o fazer, para que não nos cresça um nariz como o do Pinóquio.

Mas a verdade pura não existe.

Só existe o que é falado e discutido nos jornais.

Leia-nos, pois, e considere que fazemos um esforço para sermos gente séria.

Aliás, dizem as más línguas que conhecemos, sempre fomos gente séria.

Tal como aconteceu à mulher de César, um tipo nascido em Roma, há muito anos!

Ou seja, não basta sê-lo, é preciso parecê-lo. É preciso ter diplomas bem direitinhos e cheios de boas notas. E se não sabe do que é que falamos, aproveite para perguntar ao professor que tiver mais à mão. Ele sabe que, durante os estudos e na vida, é preciso ser e parecer: parecer e ser competente, pontual, justo, empenhado, dialogante, responsável e, se possível, ser amigo de quem manda. Ou, igualmente, ser próximo de quem ensina ou de quem decide sobre um lugar de trabalho ou sobre um aumento de salário. Nunca se sabe se isso pode dar um jeitinho, um empurrão ou ser a sorte da nossa vida.

E de jeitinhos está o inferno cheio e os seus sócios descontentes. Disseram-nos que a causa deste descontentamento se deve ao facto de que a grande empresa “O Inferno” não possui terrenos na região da OTA nem acções nas companhias que fabricam aviões. Se assim for, teremos que ler o web-site do “paraíso” para que nos informem sobre quem são os sócios maioritários. Nós não o somos e, infelizmente, não temos nem acções nem opções, nem obrigações. A nossa obrigação é a de aturar conversas a fio tão acesas sobre a localização do novo aeroporto que, a este ritmo, teremos o aeroporto pronto quando chegarem os marcianos. Imagine a cena da aterragem da nave “Five

Roses” de onde saem 5 pingarelhos verdes VIP, o passo lesto, sobre tapete verde. Diriam, com a maior amplitude de continência que um comandante marciano pode fazer: “Finalmente, chegamos à vossa pista principal. Estais descobertos”. Estaremos mesmo? Como poderia ser de outra maneira se, de peito inchado e bandeiras desfraldadas, estamos preparados para assumirmos os destinos da Europa dos, agora ditos, vinte e sete? Como poderia ser de outra maneira se ainda somos capazes de nos lançarmos noutra referendo sobre o “nascimento” da Constituição Europeia, como prometeu o Primeiro de entre todos os Ministros? Durante 6 meses “vamos mandar na Europa” e convidar gente importante a passear à beira Tejo, entre a Torre de Belém e o Mosteiro dos Jerónimos. Para quem já mandou no mundo, há cerca de 500 anos, é uma magra consolação! Haverá música, fanfarras, discursos, palavras e promessas, estratégias e documentos ilustrados, ilustríssimas senhoras bem-vestidas e muitas horas de televisão. Em Dezembro, com o regresso do frio, a Europa ilumina-se de esperança, retira-se para celebrar a Consoada e todo volta ser como dantes, sem o Quartel-General em Abrantes.

## Genève

Consulado Geral de Portugal  
 Cônsul Geral – Dr. Júlio José Vilela  
 Rte. de Ferney, 220 - 1218 Grand-Saconnex  
 Tel. 022 791 76 36 Fax 022 791 76 38  
 Chancelaria: 022 791 76 33  
 Serviços Sociais: 022 791 76 39  
 Atendimento: 08h30 – 13h30  
 mail@cggen.dgaccp.pt

Serviços de Ensino  
 Responsável Dra. Graciete Camejo  
 Rte. de Ferney, 220 - 1218 Grand-Saconnex  
 Tel. 022 798 87 66 / 67 Fax 022 798 87 68  
 ensinoge@hotmail.com

Livraria Camões  
 Bd. James Fazy, 18 - 1201 Genève  
 Tel 022 738 85 88 Fax 022 738 88 37  
 camoes@bluewin.ch  
 www.livraria-camoes.ch

Rádio Cité - 92.2 FM /cabo 98.6  
 Emissão em Português  
 Hora Lusitana - Genève  
 A P I C - Association Portugaise  
 d'Information et Culture  
 Sábados e Domingos das 17.00h às 18.30h  
 Tel. 022 309 09 58 Fax 022 309 09 69  
 horalusitana@radiocite.ch

Banco Português e Investimento  
 R. de Lausanne, 36 - 1201 Genève  
 Tel. 022 906 17 90 Fax 022 906 17 93  
 www.bancobpi.pt

MILLENNIUM BCP  
 R. de Lausanne, 54 - 1202 Genève  
 Tel. 022 908 38 48 Fax 022 908 38 45  
 www.millenniumbcp.pt

Caixa Geral de Depósitos  
 R. de Lausanne 67-69 - 1202 Genève  
 Tel. 022 908 03 60 Fax 022 908 03 69  
 www.cgd.pt

Crédito Predial Português / Totta & Açores  
 Rue de Genève 134 – 1226 Thônex-Suíça  
 Tel. 022 348 47 64 Fax 022 349 82 44  
 www.totta.pt

Montepio Geral  
 R. Terreaux-du-Temple, 9 - 1201 Genève  
 Tel. 022 731 58 00 Fax 022 731 58 04  
 www.montepiogeral.pt

## Lausanne

Banco Espírito Santo  
 Av. Montchoisi, 15 - 1006 Lausanne  
 Tel. 021 614 00 14 Fax 021 614 00 15  
 www.bes.pt - emigr@bes.ch

MILLENNIUM BCP  
 Pl. Chauderon, 18 - 1002 Lausanne  
 Tel. 021 320 99 32 Fax 021 312 46 34  
 www.millenniumbcp.pt

S.E.P. VOYAGES  
 Av. de Montchoisi 2 - 1006 Lausanne  
 Tel. 021 601 08 30 Fax 021 601 08 31  
 agence@sep-voyages.com

## Sion

Escritório Consular de Portugal  
 Chanceler - Rosa Paiva  
 Atendimento: 08h30 – 13h30  
 Av. du Midi, 7 - 1950 Sion  
 Tel. 027 323 15 11/16 10 Fax 027 323 51 11  
 mail@cggen.dgaccp.pt

## Bern

Embaixada de Portugal em Berne  
 Dr. Eurico Henriques Paes  
 Weltpoststr. 20 - 3015 Bern  
 Tel 031 351 17 73/74 Fax 031 351 44 32  
 Conselheiro Social - Dr. Manuel de Matos  
 Chancelaria: 031 352 73 49  
 Serviços Sociais: 031 351 17 42  
 mail@sceb.dgaccp.pt

Serviços de Ensino  
 Coordenadora - Dra. Madalena Silva  
 Weltpoststr. 20 - 3015 Bern  
 Tel. 031 352 73 49 Fax 031 351 44 32  
 epse@bluewin.ch

## Zurique

Consulado Geral de Portugal  
 Cônsul - Dr. António de Antas de Campos  
 Zeltweg 13 - 8032 Zurique  
 Tel. 044 200 30 40 Fax 044 200 30 50  
 Serviços Sociais: 044 200 30 44  
 Serviços de Ensino: 01 361 33 32  
 Horário: 08h30 – 14h00  
 mail@cgzur.dgaccp.pt

Serviços de Ensino  
 Responsável Dra. Fernanda de Almeida  
 Zeltweg 13 - 8032 Zurique  
 Tel. 044 261 33 32s Fax 044 200 30 50

Rádio Lora - 97.5 FM - Emissão em Português  
 Espaço Português - Zurique  
 Sábado - das 15.30h às 17.00h  
 Tel. 044 567 24 00 Fax 044 567 24 17  
 www.lora.ch - programa@lora.ch

Rádio - Kanal-K - 92.2 ou 94.4 FM  
 Emissão em Português  
 Espaço Português - Aarau

Quinta-Feira - das 19.00h às 20.00h  
 Tel. 062 834 90 80 Fax 062 834 90 74  
 www.kanalk.ch - admin@kanalk.ch

MILLENNIUM BCP  
 Wyssgasse, 6 - 8004 Zurique  
 Tel. 044 296 60 40 Fax 044 240 50 45  
 www.millenniumbcp.pt

ICEP-Portugal  
 Zeltweg, 15 - 8032 Zürich  
 Tel. 043 268 87 68 Fax. 043 268 87 60  
 www.icep.pt - icep@icep.ch

TAP Air Portugal  
 Gotthardstr. 56 - 8002 Zürich  
 Tel. 043 344 38 88 Fax. 043 344 38 89  
 tap.switzerland@tap.pt

Agência de Viagens Félix  
 Dubsstrasse 47 - 8003 Zürich  
 Tel. 044 450 82 22 Fax 044 450 82 20  
 www.agenciafelix.ch

## Jornais e Revistas

Boletim Informativo  
 Lusitano de Zürich  
 Birmensdorferstr. 48 - 8004 Zürich  
 Tel. 01 241 52 15

Gazeta Lusófona  
 Dir. Adelino Sá  
 Postfach 3010 - 6002 Luzern  
 Tel. 041 310 06 30 Fax 041 311 02 42  
 a\_sa@gazetalusofona.ch  
 www.gazetalusofona.ch

Guia Info Shop  
 Dir. Carlos Lopes  
 Wasserfallstr. 72 A - 6390 Engelberg  
 Telm.079 432 13 47  
 www.infoshoppportugal.com

Luso Anuário  
 Dir. Mário Pereira  
 Case Postal 459 - 1226 Thônex-Suíça  
 Tel. 079 775 62 88  
 www.lusoanuario.com  
 lusoanuario3@msn.com

Luso Helvético  
 Dir. Ribeiro Santos  
 Case Postal, 268 - 1030 Bussigny  
 Tel. 021 701 95 61 Fax 021 701 95 64  
 director@luso-helvetic.ch  
 www.luso-helvetic.com

PESSOAS-magazine  
 Dir. António Pinheiro  
 Case Postal, 1877 - 1211 Genève 1  
 Tel. 022 738 85 25 Fax 022 738 88 37  
 pessoasmagazine@bluewin.ch



**Caixa Geral  
de Depósitos**

HÁ MAIS NA CAIXA  
DO QUE VOCÊ IMAGINA.

## APRENDA PORTUGUÊS À DISTÂNCIA

Cursos de língua portuguesa para  
clientes residentes no estrangeiro.

Inscreva-se através de  
[www.cgd.pt](http://www.cgd.pt)

Aproveite a oportunidade.

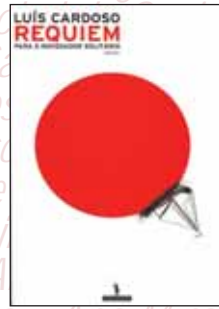
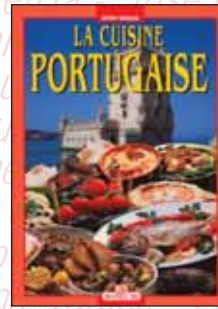
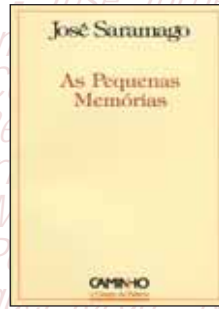
Oferta promocional limitada.

# Livraria Camões



Concretize sonhos!  
Ofereça livros!

## Os dez mais



## Música

## Os Cinco mais



## Literatura Portuguesa

romance, ficção, ensaio, investigação,  
culinária, história, conto, aventura...

Manuais escolares e toda a música

portuguesa disponível em CD e DVD.

Visite-nos em:

[www.livraria-camoes.ch](http://www.livraria-camoes.ch)